

LRC (PRSW) e LRD (CRSW) provenientes da escavação de emergência efetuada na *villa* romana do Alto do Cidreira (Cascais)

LRC (PRSW) and LRD (CRSW) from the
archaeological emergency survey at the Roman
villa at Alto do Cidreira (Cascais municipality)

EURICO DE SEPÚLVEDA*, CATARINA BOLILA**, RAQUEL SANTOS***

«Economic interpretation of ceramics demands a sound
knowledge of forms, fabrics, distribution and chronology»

P. Tyers, 1996 ****

RESUMO

Os autores apresentam o estudo do espólio em cerâmicas finas de mesa com origem na Fócea, atual Turquia e na ilha de Chipre, obtido durante a intervenção arqueológica levada a cabo no ano de 2007, no sítio de ocupação romana do Alto do Cidreira (Carrascal de Alvide, concelho de Cascais) pela empresa Neoépica. Do cruzamento com outros espólios cerâmicos de importação e de numismas, obtiveram cronologias relativas a períodos da Antiguidade Tardia que se estendem desde meados do século V a meados/terceiro quartel do século VI.

O desaparecimento, nos mercados de então, destas cerâmicas durante um período cronológico mais vasto do que o indicado, *supra*, ou seja de finais do século VI a inícios do século VII, levou os autores a procurar uma explicação em mais um fator exógeno ao seu sistema produtivo, o surto pandémico da peste bubónica, que irradiando de áreas situadas no Mediterrâneo oriental, com início

* Arqueólogo/Economista. Associação Cultural de Cascais.

** Arqueóloga/Instituto de Arqueologia e Paleociências – Universidade Nova de Lisboa.

*** Arqueóloga/Neoépica.

**** *Apud* Greene, K. (2005), p. 39.

em tempos de Justiniano, atingiu elevadíssimas taxas de mortalidade, causando grandes mudanças na vida social, política e comercial de então.

Palavras-chave: LRC/LRD – rotas comerciais – pandemia – Antiguidade Tardia –Lusitânia.

ABSTRACT

The authors studied the assets of fine wares of Late Roman C (Phocean Red Slip Wares) and Late Roman D (Cypriot Ware) unearthed, in the surroundings of the Roman archaeological site of Alto do Cidreira (Carrascal de Alvide, municipality of Cascais) by Neoépica, in 2007. Some other assets were taken in account, such as ARSW and coins, to establish chronologies which dated the site from middle of 5th century to mid/third quarter of the 6th. Brakes in the supply of these ceramics during the late 6th/early 7th century lead the authors to propose the existence of one other factor that could explain it. So, it was advanced the role of the pandemic plague in 541 (the Justinian plague), with several outbreaks in the following centuries, up to 750 that spread from the east Mediterranean brought severe changes in political life, in social status, as well as in commercial trends.

Keywords: LRC/LRD – commercial routes – pandemic – Late Antiquity – Lusitania.

1. INTRODUÇÃO

No outono de 2009, apresentámos no congresso intitulado «20 anos da Associação Cultural de Cascais: Homenagem a João Cabral», um pequeno estudo focado sobre o tema da cerâmica romana tardia fina de mesa, LRC, com origem na Fócea (costa da atual Turquia) e exumada nas várias intervenções arqueológicas levadas a cabo por aquela Associação, ao longo dos seus anos de atividade, dedicada também à Arqueologia.

Ao individualizarmos os espólios, por *villae* localizadas no atual concelho de Cascais e pertencentes ao antigo *ager olisiponensis*, ressaltámos, desde logo, o interesse que teriam as recentes escavações efetuadas em 2007, na *villa* romana do Alto do Cidreira (Carrascal de Alvide, freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais – Mapa 1) pela empresa Neoépica, pois elas tinham possibilitado «... exumar a norte da *villa*, de forma extraordinariamente anómala, um conjunto muito numeroso de bordos e fundos de pratos da forma Hayes 3, em LRC, que irão permitir uma nova leitura da difusão/dispersão, deste tipo de cerâmica fina de mesa, quando comparado com os espólios idênticos das várias *villae* no território atualmente cascalense» (Sepúlveda, no prelo).

Passados que são seis anos, propusemos aos arqueólogos da Neoépica e à arqueóloga Catarina Bolila, dar à estampa os resultados de um trabalho de investigação que nos permitisse avaliar o espólio obtido, à luz dos atuais trabalhos de tipo arqueológico e de estudos ceramológicos sobre a *terra sigillata* focense (LRC).

Para além do que tínhamos proposto em 2009, ou seja, apenas a apresentação das produções tardias da Fócea, nas áreas de previvências habitacionais romanas na envolvente da *villa* do Alto Cidreira durante o século IV e até meados do VII, optámos por introduzir nesta nova análise as importações de *terra sigillata* africana com origem nos centros produtores da atual Tunísia. Estas serão elenca-

das consoante a sua forma e as diacronias de produção, o que irá servir para uma definição de cronologias mais finas para a importação/consumo das cerâmicas com origem no Mediterrâneo oriental.

O conjunto anfórico pertencente ao espólio desta *villa* romana não foi ainda estudado, o que nos impede, também, de nos apoiarmos nesse suporte diacrónico, embora tenham sido ali exumados quatro numismas, aos quais nos iremos referir aquando das cronologias atribuídas para as cerâmicas.

Introduzimos, igualmente, uma análise a uma realidade bastante restrita em espólios obtidos nas escavações em *villae* e cidades romanas, atualmente localizados no território português e coevos do período em análise ou seja, o da apresentação de um pequeno número de fragmentos cerâmicos de origem cipriota, LRD, como parte integrante do comércio das cerâmicas oriundas dos fornos localizados na Fócea tendo em conta que «... las dos áreas exportadoras principales desde Oriente podrían estar ligadas entre sí por un dinámico comercio» (Fernández, 2014, p. 445).

Aprofundaremos também os fluxos comerciais que permitiram as aquisições de cerâmica fina provenientes do Mediterrâneo oriental, as quais, depois da passagem das Colunas de Hércules, utilizariam uma rota em direção a norte ao longo da costa lusitana atlântica (Kelly, 2010, p. 44), abastecendo locais de importação destes bens, na *Gallaecia*, a partir da qual atingiriam, depois de atravessarem o *Mare Cantabricum* e o *Mare Britannicum*, os centros consumidores do sudoeste da *Britannia* e da Irlanda (*Id.* 6, p. 43).

2. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

Os últimos trabalhos arqueológicos levados a cabo pela Neoépica na Zona Especial de Proteção da *Villa* Romana do Alto do Cidreira, no ano de 2007, foram exigidos pelo IGESPAR (atual DGPC) e Câmara Municipal de Cascais numa tentativa de salvaguardar os vestígios arqueológicos que pudessem existir a uma maior distância da área de implantação da *villa*. Foram, assim, motivados pela necessidade, por um lado, de alargamento da área de proteção, e por outro, de identificação e delimitação de áreas de maior potencial arqueológico e consequente definição de áreas de construção.

Partindo deste pressuposto, o diagnóstico foi, numa primeira fase, efetuado através de meios mecânicos, partindo-se para escavação manual sempre que se identificassem quaisquer vestígios arqueológicos.

Foram, assim, abertas valas de diagnóstico mecânico em cinco terrenos localizados dentro dos limites da referida zona, que permitiram a identificação de contextos posteriormente escavados manualmente, nomeadamente:

- uma estrutura de cabana do 3.º milénio a. C., à qual se encontram associados materiais líticos e cerâmicos, particularmente campaniformes;

- um aqueduto romano, do qual se escavou cerca de 46 m de comprimento;
- um recinto pétreo associado a um poço e materiais de cronologia romana, dos séculos IV/V possivelmente;
- uma necrópole associada à *villa* romana, tendo sido identificados 11 enterramentos;
- uma estrutura robusta de condução de água, cuja cronologia foi impossível determinar;
- cinco silos de cronologia medieval que forneceram algum material arqueológico do período islâmico.

Já numa segunda fase, foi efetuado o diagnóstico arqueológico de um terreno a norte da *villa*, do qual provêm os materiais aqui tratados, onde uma primeira sondagem manual revelou a presença de alguns materiais romanos dispersos, seguida de sondagens mecânicas em todo o terreno. Não sendo suficiente para a caracterização dos vestígios arqueológicos presentes, foi necessário fazer uma escavação manual dos depósitos existentes, por amostragem da área.

Os trabalhos revelaram assim um depósito que forneceu grande quantidade de material de construção, nomeadamente *imbrex*, *tegulae* e tijolo; bem como algum material osteológico, malacológico, metálico, pétreo, ósseo e cerâmico, este último constituído por *terra sigillata*, cerâmica fosca, faiança, porcelana e cerâmica vidrada. De entre este conjunto cerâmico, verificámos que a grande maioria das peças se centra claramente em época tardo-romana, muito embora tenhamos alguns exemplares de cronologias mais recentes, como é o caso da faiança e porcelana. É pois neste panorama arqueológico que se insere o conjunto em análise.

3. O ESTUDO DO ESPÓLIO

As primeiras intervenções arqueológicas na *villa* romana foram objeto de várias publicações, onde foram apresentados resultados referentes ao estudo das cerâmicas romanas exumadas, entre as quais as chamadas finas de mesa, provenientes de intercâmbios comerciais estabelecidos entre a Lusitânia e outras províncias de toda a orla mediterrânica.

Em 1982, foi publicado numa separata do Arquivo de Cascais (Encarnação, Cardoso e Nolen, 1982, n.º 4), um estudo em que se fez uma primeira amostragem relativa às cerâmicas, em que, entre estas, se privilegiavam as finas de mesa de origem no norte de África.

A partir desta pequena sùmula, seis anos mais tarde, Nolen (1988, p. 61-140) apresentou um estudo exaustivo de novos materiais resultantes de campanhas que foram levadas a cabo durante os anos que mediaram entre 1982-1988. Aí, foram apresentados, entre um conjunto já mais robusto, fragmentos de cerâmicas

do Mediterrâneo Oriental, *Late Roman C*, num total de apenas 3 fragmentos¹, o que veio a contrastar com um aumento substancial no total das cerâmicas finas de mesa norte-africanas.

Com base nesse estudo, não pudemos deixar de considerar esses valores ao pretender fazer a ligação entre os espólios dessas primeiras intervenções com o obtido pela empresa Neoépica em 2007 (*infra*, quadro IV).

As intervenções mais recentes nos terrenos envolventes à *villa* permitiram, então, a exumação de um espólio significativo de exemplares de LRC e um número bastante mais reduzido de LRD, facto que vem testemunhar as fortes ligações comerciais ao Império Romano do Oriente, por parte de centros habitacionais, como sejam as *villae*, localizadas no atual concelho de Cascais.

Desta maneira, passamos a apresentar os espólios que foram obtidos durante esta última campanha, onde se contabilizou um conjunto de 99 fragmentos destes dois fabricos de *sigillata* tardia², que após colagens resultaram em 75 NMI³.

A este total, e tendo em conta apenas os bordos que devem, sem dúvida, pertencer a diferentes exemplares, conseguimos identificar um número mínimo de 33 indivíduos para a *sigillata* produzida nas oficinas/olarias da Fócea e 3 indivíduos para a *sigillata* cipriota.

3.1. LRC (*terra sigillata* Foceense Tardia)

O espólio exumado no ano de 2007, a norte da *villa*, provém das UE 103, 105 e 109, da zona designada por ACIDV, sendo que a UE 105 continha a quase totalidade dos fragmentos, deixando o restante do espólio, 2 fragmentos, para as outras duas unidades estratigráficas.

Com este total obtivemos os dados que permitiram traçar o quadro I em que se levou em linha de conta o número de fragmentos, unidades após colagens e NMI.

Tipos	Frag.	%	Fragmentos (após colagens)	%	NMI	%
Bordos	38	39,58	33	45,84	33	100
Paredes	31	32,29	25	34,73	—	—
Fundos	27	28,13	14	19,43	—	—
Total	96	100,00	72	100,00	33	100

Quadro I – Número de fragmentos, fragmentos após colagem, NMI e respetivas percentagens

¹ Com o fim de prepararmos a nossa comunicação de 2009, efetuámos uma revisão ao espólio obtido até então, tendo-se encontrado um fragmento de bordo de um prato da forma Hayes 4, possivelmente, o que iria, assim, aumentar o número de fragmentos e de NMI para 4.

² 96 de LRC e 3 de LRD.

³ 72 de LRC e 3 de LRD.

As formas que se conseguiram apurar referentes ao total destes, indicadas no quadro *supra* e presentes no conjunto, compreendem na sua quase totalidade taças/pratos da forma Hayes 3, como se tem vindo a verificar também em outros grupos identificados no território atualmente português.

A atribuição de variantes a esta forma torna-se algo difícil (Reynolds, 1987, p. 109; Bougeois e Mayet, 1991, p. 374), visto a quase ausência de perfis completos e a existência de inúmeras alterações nos mesmos, especialmente na zona do bordo, pelo que a atribuição de um determinado fragmento a uma variante não impede que este não se possa inserir numa outra (Delgado, 1975, p. 285).

Para facilitar a sua distinção utilizámos a classificação tipológica de John Hayes (1972), procedendo seguidamente à comparação com análises mais recentes de Reynolds para Beirute (2011b), Butrint (2004) e Benalúa-Alicante (1987), de Mayet para Belo (Bourgeois e Mayet, 1991), de Manuela Delgado para Conímbriga (1975), de Adolfo Fernández para a Ria de Vigo (2014) e de Quaresma e Morais para Braga (2012) para além de outros investigadores que se debruçaram/debruçam sobre o tema das produções destas cerâmicas.

Assim, e no respeitante à Hayes 3, temos presentes oito das suas variantes que passaremos a elencar com a apresentação das respetivas cronologias, as quais foram obtidas a partir de Hayes (*op. cit.*) e de Adolfo Fernández (2014, p. 221-262, e quadro II): Hayes 3B (terceiro quartel do século V), Hayes 3C (c. 450-490 d. C.), 3D (inícios/segunda metade do século V), 3E (finais do século V/inícios do século VI), 3F (meados/segunda metade do século VI), 3G (século VI), 3F/G (2.º quartel do século VI, possivelmente, 530-540)⁴ e 3H (segundo quartel/segunda metade do século VI). Para além destas oito formas, parece-nos poder incluir uma outra peça de difícil atribuição formal, que optámos por inserir na forma mista 3/10 (meados/segunda metade do século VI).

Forma/Variante	NMI	%
Hayes 3B	1	3,03
Hayes 3C	3	9,09
Hayes 3D	2	6,06
Hayes 3E	5	15,15
Hayes 3F	17	51,52
Hayes 3G	1	3,03
Hayes 3F/G	2	6,06
Hayes 3H	1	3,03
Hayes 3/10	1	3,03
Total	33	100,00

Quadro II – Total de NMI por forma/variantes e respetivas percentagens

⁴ Com possibilidade de atingir 551, data do grande terramoto em Beirute (Reynolds, 2011b, p. 227 e 228).

As peças que formam o conjunto que obtivemos são do tipo pratos e taças e foram individualizadas de acordo com os diâmetros que possuíam, os quais podem variar entre os 15 e os 30 cm. Assim, a partir dos dados definidos por este intervalo, foi possível verificar a existência de 3 subconjuntos⁵:

- 1 – Os vasos pequenos que têm como característica possuírem como limite máximo os 20 cm são na sua maioria pertencentes à variante 3F, tal como acontece para o mesmo tipo identificado em Belo (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 375);
- 2 – Os de tamanho médio, com diâmetros entre os 21 e os 26 cm, são os mais frequentes e presentes em todas as formas encontradas;
- 3 – Por fim, e enquadrando-se na categoria dos vasos de tamanho grande, encontram-se os diâmetros acima dos 26 cm;

Confirmámos também a existência de dois tipos principais de pastas⁶ que apresentam as seguintes características:

Pasta A – compacta, fina, com quantidade apreciável de calcites, apresentando pequenas micas vestigiais, muito porosa e predominantemente de cor vermelha clara (2YR 7/6 e 2YR 7/8);

Pasta B – compacta, fina, com raros e.n.p. (calcites muito finas e micas vestigiais), muito porosa e de cor maioritariamente vermelha clara (2YR 7/8) e alaranjada (5YR 7/6).

Quanto ao engobe, não foi possível definir o tipo, na medida em que apenas alguns traços do mesmo restavam nas paredes⁷ das taças/pratos que estudámos, atendendo ao facto desse engobe se encontrar, na maior parte, erodido. No entanto, podemos apenas afirmar que teria uma cor na mesma gama dos vermelhos identificados para as pastas, sendo mate no brilho. Constam, igualmente, do espólio, três fundos, incompletos, que apresentam decoração centrada. Esta é do tipo cruciforme com *rho* e com dois círculos colocados na parte inferior dos braços e que identificámos com o grupo decorativo III, variante 67j e 67k de Hayes (*op. cit.*, p. 363-365, fig. 78), a que corresponde uma cronologia dos finais do século V a meados do século VI (Fernández, *op. cit.*, p. 256, 261, 262, fig. 151).

⁵ Análise que consideramos idêntica à de Françoise Mayet para Belo (*op. cit.*, p. 374), embora o limite máximo, por nós apurado, seja mais pequeno.

⁶ Análise macroscópica, através de lupa binocular, e cores obtidas através de Munsell Soil Color Chart.

⁷ Geralmente nas zonas onde termina o bordo e arranca a parede, e ainda nos fundos decorados com cruciformes com *rho*.

3.2. LRD (*terra sigillata* cipriota tardia)

Quanto ao espólio de LRD (*terra sigillata* cipriota tardia) obtido na *villa* romana, apenas três fragmentos deste tipo de cerâmica fina de mesa, com origem possível nas olarias de Chipre, foram identificados.

Constam do espólio obtido no mesmo local indicado para LRC, ou seja, em ACIDV, agora e apenas na UE 103, com um fragmento, e na UE 105, com dois fragmentos. Estes referem-se a um bordo pertencente a um recipiente de tipo prato/taça da forma Hayes 2 (finais do século v/meados do século vi), outro de uma pequena taça da forma Hayes 5 (meados/finais do século vi) e ainda um de recipiente de tipo terrina com duas asas, que corresponderá à forma Hayes 11 (550-650+). Por sua vez, a análise diacrónica das formas encontradas foi feita através dos tradicionais intervalos de tempo apresentados por Hayes (*op. cit.*, p. 371-386), os quais conheceram ligeiras alterações aquando do estudo de Meyza para as produções cipriotas, de cerâmica fina tardia publicado em 2007.

Forma/ Variante	Número de fragmentos (bordos)	NMI	% NMI
Hayes 2	1	1	33,33
Hayes 5	1	1	33,33
Hayes 11	1	1	33,33
Total	3	3	100,00

Quadro III – Número de fragmentos e de NMI, e suas percentagens

Como referimos *supra*, aquando das considerações apresentadas para o espólio de LRC, também aqui nos deparámos com dificuldades quanto à identificação e classificação das peças estudadas, na medida em que dois dos bordos apresentam dimensões bastante reduzidas.

A observação ceramológica (*Id.* 9) que fizemos a estas três peças deu-nos a oportunidade de elencar as seguintes particularidades – apresentam uma textura compacta, com raros e.n.p., de fratura retilínea, ostentando uma coloração que varia entre o bege (7.5YR7/6) e o castanho-escuro (7.5YR5/6) e tendo um elevado grau de porosidade. Quanto ao engobe, verificámos como aconteceu para a LRC, a sua ausência, provavelmente motivada pelas características alcalinas dos terrenos de onde foram exumadas as peças.

Estas características correspondem – e são mesmo muito semelhantes – às descritas por Meyza (2007, p. 17-20) e referenciadas também por Poblome e Firat (2011, p. 51), em relação às argilas com que foram produzidas as peças que constituem os espólios, obtidos em arqueossítios de Chipre, os quais conheceram, ao longo da última década do século xx, uma intensa atividade arqueológica.

A zona intervencionada fica localizada na costa sudoeste da ilha, numa área

situada entre os rios Dhiarizos e Xero Potamus⁸, na atual província de Paphos (Meyza, *op. cit.*, mapas 1, 5, 9 e 16)⁹, limitada a norte pelo maciço de Troodos, o qual possui características geológicas idênticas às apresentadas pelas argilas das peças exumadas durante as escavações a que nos referimos (Poblome e Firat, *op. cit.*, p. 51).

O resultado das análises de tipo arqueométrico (Meyza, *op. cit.*, p. 20), da comparação entre grupos seriados de diversos exemplares de cerâmicas pertencentes aos espólios dos arqueossítios escavados e de amostras de argilas locais, permitiu, baseando-se nesta forte base científica (Poblome e Firat, *op. cit.*, p. 51), uma resolução para o problema da origem desta cerâmica (Gomez *et al.*, 1996, *apud* Meyza, *op. cit.*, p. 20).

A localização da sua produção em Chipre termina, assim o entendemos, com a polémica da proveniência destas cerâmicas e de outras que, apresentando as mesmas características, foram produzidas em Perge e Sagalassos (cidades localizadas nas antigas províncias romanas da *Pamphylia* e *Pisidia*, ambas no atual território da Anatólia do sul), já para não falar das cerâmicas de Pednelissos e Hierapolis.

4. CONTRIBUIÇÃO DE IMPORTAÇÕES DE CERÂMICAS AFRICANAS E NUMISMAS PARA A CONTEXTUALIZAÇÃO DA ANÁLISE DIACRÓNICA

4.1. Cerâmicas finas africanas

A interação entre estas cerâmicas, consideradas conjuntamente com outras categorias de tipo eco e artefactual (Poblome *et al.*, 2010, p. 791) permitiu-nos uma melhor interpretação da ocupação de época romana tardia do sítio arqueológico da *villa* do Alto do Cidreira.

Tendo em conta os valores já publicados por Nolen (*op. cit.*), a par dos obtidos a partir do espólio da intervenção de 2007, elaborámos um novo quadro (quadro IV) que nos irá permitir ter uma ideia geral das importações norte-africanas e das de origem gaulesa, tipo DSP, desde meados/segunda metade do século I d. C. até ao terceiro quartel do século VI.

⁸ Rios que só têm caudal apenas durante o período correspondente ao inverno.

⁹ Philip Bes (2015, p. 119-122) no seu recente trabalho sobre as cerâmicas finas com origem no Mediterrâneo oriental confirma, através da análise de dados estatísticos, a importância desta localização geográfica na produção da LRD, quando se comparam o consumo delas e de outras cerâmicas, como sejam, LRC e ARSW, concluindo da sua elevada proporção «... along the west coast and in central Cyprus».

TS Af./DSP		ACID Espólio de 1982 (Nolen 1988)		ACIDV Espólio de 2007 (Neoépica)	
Tipos	Forma	Número de fragmentos	NMI	Número de fragmentos	NMI
TS Af. D	H. 58A	—	—	1	1
	H. 58B	4	3	4	3
	H. 59	—	—	4	4
	H. 59 B	1	1	—	—
	H. 61	4	4	1	1
	H. 62	—	—	1	1
	H. 67	3	3	1	1
	H. 67/71?	1	1	—	—
	H. 73A	1	1	—	—
	H. 76B	1	1	—	—
	H. 87.2	—	—	1	1
	H. 91A/B	—	—	1	1
	H. 91C	—	—	2	2
	H. 93	—	—	1	1
	H. 99	—	—	2	2
	H. 103B	1	1	—	—
	H. 104A	1	1	—	—
	El-Mahrine 18.1 11118.118.1	—	—	1	1
	Fundos decorados	2	—	3	—
	Indet.	—	—	48	—
Total		19	16	71	19
DSP cinzenta	RIGOIR 8	2	2	—	—
	Total	2	2	—	—

Quadro IV – Espólios do Alto do Cidreira, 1982, 1988 e 2007
Terra Sigillata Africana D e DSP. Formas, fragmentos e NMI

Verificamos a partir da apresentação das formas destes dois tipos de cerâmicas finas de mesa exumadas quer na *villa* do Alto do Cidreira, quer na sua envolvente muito próxima, ACIDV, a existência de um intenso comércio com os centros produtores do norte de África até meados/finais do século VI e de um fluxo de importação bem mais singelo com os centros produtores da região de Marselha na Gália, os quais produziram e negociaram uma vasta baixela de DSP pelo menos desde os inícios do século V, prolongando-se este movimento comercial até finais deste século.

Tendo em conta o facto de nos encontrarmos focados em cronologias viradas para um período de tempo tardio que se situa entre inícios/segunda metade do

século v e a segunda metade do século vi apenas analisaremos a *Terra Sigillata Africana* na sua produção D, muito especialmente, recorrendo sempre que necessário ao espólio anteriormente obtido na *villa*.

Desta fase da produção africana obtivemos um total de 19 NMI em que se destacam pelo alto número de ocorrências, 4 indivíduos cada, os pratos H58 nas suas duas variantes com cronologias do século IV¹⁰ e os pratos H59 com datação correspondente ao período 320-420.

Logo a seguir aparecem as formas H91 com 3 indivíduos, nas variantes A/B e C, e a forma H99, com 2 indivíduos. Para a primeira forma poderemos apresentar cronologias de finais do século v a meados da centúria seguinte, enquanto para a segunda forma esta é típica a partir de meados/finais do século vi a meados do vii.

Finalmente com apenas um exemplar cada estão presentes as formas H61 (primeira metade/ finais do século v), H62 (segunda metade do século iv – primeiro quartel do século v), H67 (360 a meados do século v⁺), H87 (segunda metade do século v) e H93 (século v), a forma El-Mahrine 18.1¹¹, (com uma datação de início do século vi a meados do mesmo), e finalmente as formas de origem na denominada «olaria x», localizada no norte da Tunísia, H103B e H104 A¹².

Não podemos, por fim, deixar de analisar os dois fragmentos de DSP, de produção da Gália do sul, importantes para o enquadramento cronológico das produções da Fócea e de Chipre em estudo.

Em relação a estes fragmentos, encontrados na *villa* do Alto do Cidreira nas intervenções do século xx, Jeannette Nolen (*op. cit.*, p. 88-89) não arrisca qualquer cronologia atendendo ao facto de não conseguir definir as pastas em que foram elaboradas dando-lhes, por isso, as diacronias que normalmente são atribuídas – compreendidas entre finais do século iv e possivelmente os inícios do século vi.

O mesmo critério parece ter sido aplicado em relação a um exemplar da forma Rigoir 3, encontrado em Lisboa no Núcleo Arqueológico da rua dos Correiros (Grilo, Fabião e Bugalhão, 2013, p. 851).

Na análise que fizemos ao visitar este espólio pensamos que para o perfil apresentado do prato classificado como Rigoir 8, que possui uma morfologia, como Nolen afirma, muito semelhante ao prato Hayes 61 A/B em TSA D, não

¹⁰ As cronologias apontadas seguem as de Hayes (1972), combinadas com as correções de Bonifay (2004), Ben Moussa (2007) e Quaresma (2012).

¹¹ Para as características formais da taça El-Mahrine 18.1 consulte-se Mackensen, 1993, pp. 603, 604 e Tafel 62.

¹² Embora a classificação e estudo destas duas formas pertença a Nolen (1988, p. 86, Est IV, 31) podemos no presente associar a forma H104 à variante A1 de Bonifay (2004, p. 181-183), com cronologia dos finais do século v ao primeiro terço do século vi. Porém, num último estudo, este mesmo autor afina-a para o seguinte intervalo diacrónico [...] 490-560+ sem deixar de alertar que «...une difficulté subsiste avec celle de la forme Hayes 104A» (Malfitana D./BonifayM., 2016 p. 526).

parecer despiciendo atribuir-lhe diacronias, mais finas, de contextos da primeira metade século V até 480, atendendo às características do bordo reclassificando-o como Hayes 61 A/B3 (Bonifay, 2004, p. 168-171).

Por sua vez, ao outro exemplar que apresenta apenas o perfil do bordo e uma porção da parede decorada (*id.*, Est. IV Sigillata Cinzenta Paleocristã n.º 2) não lhe foi atribuído qualquer classificação na tipologia de Jacqueline Rigoir (1968). Pensamos, porém, tratar-se de um fragmento que pertencerá a uma tigela/copo carenado da forma Rigoir 15a¹³.

4.2. Numismas

Quanto aos numismas exumados no sítio do Alto do Cidreira o seu total não ultrapassou as 4 unidades, em que 3 pertencem ao espólio da UE 105 e o restante ao da 109. Por sua vez do total destes, dois numismas, um em cada unidade estratigráfica, não ofereceram qualquer tipo de leitura devido ao seu estado erodido, provocado pelas condições de deposição.

Os restantes permitiram leituras, uma completa, e a outra quase, na medida em que se encontrava em condições de leitura um pouco mais incompleta.

A primeira moeda que se estudou encontra-se praticamente ao cunho, tendo o número de inventário ACIDV. H4 [105] 318¹⁴ e pertence ao tipo $\mathcal{A}E$ 2¹⁵ a qual tem cunhado no seu anverso o busto de Diocleciano, de perfil para a direita, radiado tendo como legenda DN·DEOCLETIANVS·PF·AVG e no seu reverso, dentro de coroa de louros e em três linhas paralelas, a inscrição VOT·XX·FK. Os dados obtidos quer do anverso, quer do reverso, permitem adiantar a data e o lugar da sua cunhagem respetivamente de 303 d. C. e em Félix Cartago¹⁶.

Quanto à segunda, esta é também do tipo $\mathcal{A}E$ 2¹⁷ com o número de inventário ACIDV. H4 [105] 558 apresentando no seu anverso o busto de Constâncio II, com diadema de pérolas, voltado à direita, com legenda DN·CONSTANTIVS·PF·AVG, sendo o seu reverso, embora em estado erodido, pertencente à serie FEL·TEMP·REPARATIO. Embora não seja visível a decoração gravada no reverso certamente deveria ter representado um soldado no momento em que ataca/trepasa com lança um cavaleiro. Esta imagem, durante o tempo de Constâncio II, apenas é cunhada a partir de 348 d. C.

¹³ Achamos ter um possível paralelo no exemplar apresentado por Rigoir referente a Grotte des Fees (*op. cit.*, p. 225, PL. XII).

¹⁴ Atendendo à complexidade de estudo destes numismas optámos por referi-los pelo seu número de inventário.

¹⁵ Diâmetro 20 mm.

¹⁶ RIC VI- 37. Esta oficina de cunhagem situava-se perto de Túnis e operou em dois períodos de tempo, sendo o primeiro de finais do século III/inícios do século IV ao qual pertence este exemplar (Sear, 2005, p. 71).

¹⁷ Diâmetro 23 mm.

5. COMÉRCIO E DIFUSÃO – GLOBALIZAÇÃO DA OFERTA

5.1. As rotas comerciais entre o Mediterrâneo e o Atlântico

As cerâmicas finas tardias com origem na Fócea e as suas congêneres cipriotas, analisadas neste artigo, assim como as ânforas tardias encontradas ao longo destes percursos marítimos em naufrágios, ou pertencentes aos espólios obtidos em terra, são indicadores por excelência para a definição das transformações que ocorreram no comércio global de bens, tais como o vinho e o azeite, durante os inícios do século V até meados do século VI, período em que se verifica ainda um intenso comércio mediterrânico, mas com alterações na origem/destinos das cargas transportadas.

Paul Reynolds (1995, cap. 5 p. 126-136) apresenta-nos um vasto conjunto de rotas marítimas que transportariam produtos destinados aos centros de consumo espalhados por todo o mundo mediterrânico, que incluiriam também as costas atlânticas, as quais tinham como limite sul a Mauritânia e a norte a Irlanda, o que nos leva a pensar da existência do aproveitamento da rota que passaria por Marselha (*op. cit.*, p. 134 e 135)¹⁸ e daí para Cartagena (*id.*, rota do Atlântico), seguindo depois as costas levantinas da *Hispania* até ao estreito de Gibraltar. A partir daí, tomariam rumo a norte atingindo assim o Atlântico onde fariam diversas paragens até chegarem ao seu destino final – a *Britannia*.

Por sua vez, já em 2004, Cunliffe (p. 479, fig. 10.31) tinha proposto a existência de um transbordo ao longo desta rota para o carregamento das mercadorias «... in the Portuguese ports for the last leg of the journey...to the havens of western Britain».

Carlos Fabião refere-se a esta hipótese aquando da elaboração do seu estudo inicial sobre a Casa do Governador da Torre de Belém, em Lisboa (2009a, p. 43, fig. 7), onde apresenta uma difusão de materiais cerâmicos, com origem no Mediterrâneo oriental, com diacronias referentes aos séculos V e VI, assim como um numisma de tipo *pentanummius* de época de Justiniano I.

Fabião interroga-se também sobre a possibilidade de ser a costa atlântica da *Lusitania* «... uma periferia ou charneira no Império Romano» (2009b, p. 53), no entanto, analisando vários fatores, como sejam as várias cartas de difusão de contentores cerâmicos, quer na *Lusitania*, quer por todo o Mediterrâneo associadas à existência de naufrágios e a estruturas de apoio à navegação na costa atlântica, conclui que existirá uma forte possibilidade de ser através dela que se verifica uma intensa circulação com destino às províncias romanas situadas

¹⁸ Atendendo à escassez de LRC nos contextos arqueológicos de Marselha será de supor a existência de diferenciação entre os barcos que fariam o comércio desta cerâmica e os «cargueiros» destinados aos grandes contentores cerâmicos com origem no Mediterrâneo oriental.

para além do Norte da *Gallaecia*, tornando-se, assim, «...na realidade, uma verdadeira charneira entre dois mundos, ... que possuía uma extensa frente atlântica» (*id.*, p. 62).

É pois com naturalidade que em 2014 apresenta como «corolário» a esta conclusão uma súpula, aquando da exposição levada a cabo no Museu Nacional de Arqueologia, sobre vestígios de atividade comercial marítima ao longo da costa atlântica relacionada com naufrágios de época romana.

Uma outra prova da utilização da rota Atlântica é-nos dada pelos recentes trabalhos de Quaresma e Morais (2012) e de Adolfo Fernández (2014), sobre os achados de cerâmica focense tardia (LRC) e cipriota (LRD), para além das oriundas do norte de África, em *Bracara Augusta* e na ria de Vigo, respetivamente. A presença em grande quantidade destas cerâmicas é, na realidade, um forte indicador das trocas que se realizaram por via marítima durante a segunda metade do século V e, pelo menos, até ao segundo quartel do século VI, considerando estes autores não ser despidianda a possibilidade de uma *pervivencia* até meados do século VII.

Por fim, Sónia Bombico, nos seus últimos trabalhos dados à estampa em 2014 e 2015, apresenta, baseada no estudo de Pascal Arnaud, publicado em 2005¹⁹, e com dados obtidos a partir dos espólios de naufrágios verificados na envolvimento marítima da Córsega e da Sardenha, as rotas marítimas comerciais do *Mare Nostrum*, de sentido Este-Oeste (2014, p. 361-377).

Esta sua análise fica completada, em 2015, quando demonstra que a rota comercial de retorno, durante a Antiguidade Tardia, foi objeto de alterações, no tipo de carga transportada, considerando, no entanto e a modos de conclusão, que «The Lusitanian salted fish preparations were therefore an additional cargo..., thus allowing for the establishment of a free trade.» (*op. cit.*, p. 18-19), sem deixar de equacionar a conjugação da análise referente à difusão dos contentores cerâmicos com a «...archaeological data from land contexts...» (*supra*).

Bonifay (2007) adianta que durante a Antiguidade Tardia se pode indicar como um dos pontos de distribuição na rota atlântica, Lisboa (?) e Vigo, que desempenham o tal papel de charneira entre o comércio de procura/provisionamento de mercadorias com origem em várias zonas do Mediterrâneo Oriental e as ilhas Britânicas. Sublinha também em face aos espólios cerâmicos encontrados em Bordéus que estes são testemunho de uma rota tradicional marítima que, depois de tocar este porto, seguiria pela costa levantina da *Hispania* seguindo para o Atlântico depois de ter atravessado Gibraltar, atingindo assim o seu ponto de destino.

¹⁹ «Les routes de la navigation antique-Itinéraires en Méditerranée».

5.2. Comércio de LRC e LRD

A fim de compreendermos como pode ter sido a distribuição das cerâmicas em apreço ao longo deste período cronológico no *Mare Nostrum*, apresentamos uma análise de distribuição da forma, que consideramos a mais relevante do conjunto das cerâmicas focenses, a Hayes 3 (e suas variantes), em espectros económicos como sejam os da costa do Mediterrâneo Oriental e Ocidental e da costa Atlântica. Desta forma, elaborámos o quadro V, cronotipológico, em que relacionámos a H3 e variantes, com períodos selados e bem definidos para Beirut (Souks) e para Butrint (Triconch Palace), tendo como base os valores apresentados por Reynolds para estes dois sítios arqueológicos que, devido à sua situação geográfica – um no Líbano e o outro no sul da Albânia, junto à fronteira grega – demonstram mais uma vez que as variantes presentes não se afastam muito dos padrões de consumo/comercialização quando os consumos são comparados entre si. Esta tendência não é tão evidente nos mercados de exportação, em relação às formas mais tardias, embora estes dois centros sejam «the most western locations of its distribution, still in low quantities, during the late 6th and 7th centuries» (Reynolds, 2010a, p. 123).

H3 (variantes)	Cronologias						
	Beirut Souks (Bey)				Butrint (Triconch Palace)		
	3.º quartel do século v	450/500+	Finais do século v+	551	450-475	500- 550	525-550
H3A	x	x	—	—	—	—	—
H3B	x	x	—	—	—	—	—
H3C	x	x	x	—	x	x	—
H3D	—	—	—	x	—	x	—
H3E	x	x	x	—	—	x	—
H3F	—	—	—	—	—	x	—
H3F/G	—	—	—	x	—	x	x
H3G	—	—	—	x	—	—	x
H3A/C	x	—	—	—	—	—	x

Quadro V – Cronologias e variantes de H3, contextos deBeirute e Butrint (Triconch Palace)²⁰

Por sua vez, na *Hispania*, para *Lucentum*, na *Carthaginensis*, e *Belo Claudia*, na *Bætica*, seguindo os mesmos critérios, e com o fim de verificar os consumos determinados para estas duas cidades durante o período da Antiguidade Tardia, foi também elaborado o quadro VI que demonstra uma variação do elenco das variantes presentes, pois certamente a oferta seria razoavelmente não tão variada

²⁰ A partir de Reynolds, 2011b.

como a que encontrámos para os dois arqueossítios localizados bem mais perto dos centros produtores²¹.

No entanto, o espólio estudado por Reynolds para *Lucentum* demonstrou que a «...LRC was very common in the end of the 6th century Benalua deposit.» (2010a, p. 119, 123), embora reconheça que seja difícil explicar a razão pela qual foram encontradas grandes quantidades de cerâmicas tardias de importação com origem na Fócea e no Chipre, embora esta última com padrões mais moderados (*id.*, p. 119).

H 3 (variantes)	Cronologias				
	Lucentum (Benalua)				Belo Claudia
	460-475	Finais do século v	século v/ 526-550	1.ª metade do século vi	450-550
H3A	—	—	—	—	—
H3B	—	—	—	—	—
H3C	x	—	—	—	—
H3D	—	x	—	—	x
H3E	—	—	—	—	x
H3E?	—	x	—	—	—
H3F	—	—	x	—	x
H3G	—	—	—	—	—
H3G?	—	—	x	—	—
H3H	—	—	—	x	—

Quadro VI – Cronologias e variantes de H3, contextos de Lucentum e Belo Claudia²²

Finalmente, mais um quadro, o quadro VII, referente a estas importações para três sítios todos localizados no atual território português, em que dois deles se encontravam inseridos na província romana da *Lusitania* – Mértola²³ que, pela sua localização no baixo Guadiana, teria certamente sido um local privilegiado para o abastecimento destas cerâmicas que, a partir daqui, seriam redistribuídas por zonas do interior da província, possivelmente até *Augusta Emerita*²⁴, onde foram recuperados alguns fragmentos de LRC (Bustamante Álvarez, 2013, p. 58-60)²⁵ e,

²¹ Reynolds (2010a, p. 103) afirma que a cidade romana de Butrint, aproveitando-se da sua proximidade geográfica relativa com Ravenna, usufruía dos intensos movimentos comerciais marítimos que abasteciam esta cidade com produtos oriundos do Mediterrâneo oriental (*id.*, Table 23 p. 229, Fine wares).

²² A partir de Reynolds 1987 e Bourgeois e Mayet 1991.

²³ São referidos apenas os exemplares exumados no bairro da Alcáçova e na Biblioteca Municipal.

²⁴ As relações não só comerciais entre Mérida e a parte centro/oriental do Mediterrâneo tem sido um tema tratado por historiadores, quer nacionais, quer estrangeiros, dos quais destacamos, a título meramente informativo, a nível nacional, Ana Maria Jorge (2002, p. 126-130).

²⁵ As UE 1063, 1001 e 1003 da intervenção efetuada na Calle Almendralejo n.º 41 apresentaram, nos seus espólios, algumas formas focenses tardias, H3B, 3F e H8, que, quando cruzadas com fragmentos de *sigillata* africana D, permitiram atribuir-lhes uma datação, do 2.º quartel/meados do século vi.

por sua vez, o outro, a cidade de *Conimbriga*, também seria abastecida a partir de portos lusitanos estabelecidos ao longo da rota atlântica e que comercializavam produtos com origem no Mediterrânico central e oriental.

Quanto a *Bracara Augusta*, a razão da nossa escolha advém de que após a sua promoção administrativa a capital da província da *Gallaecia*, num período já tardio do século III, conheceu um fluxo comercial e económico que, segundo Martins e Delgado (1989-90, p. 31), se traduz «... num bom ritmo de importações... de cerâmicas de fabrico derivado de *sigillata* paleocristã cinzenta, de cerâmica foceana tardia e de cipriota tardia», o que é confirmado pela existência de um espólio significativo deste tipo de cerâmica de mesa (Quaresma e Morais, 2012; Fernández, 2014, p. 436-438).

H 3 (variantes)	Cronologias									
	Mértola				Conimbriga			Braga		
	c. 425	450-480	Início século VI/ 520	520-550	465-476*	460-490	500-526	460-475	Finais do século V	Século VI
H3	x	—	—	—	—	—	—	—	—	—
H3A	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
H3B	—	x	—	—	x	—	—	x	—	—
H3B/5	—	—	—	—	—	—	—	x	—	—
H3C	—	x	—	—	x	x	—	x	—	—
H3D	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
H3E	—	—	—	—	x	—	—	—	x	—
H3E?	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
H3F	—	—	x	x	—	—	x	—	—	x
H3G	—	—	x	x	—	—	—	—	—	—
H3G?	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
H3H	—	—	—	—	—	—	—	—	—	x

Quadro VII – Cronologias e variantes de H3, contextos de Mértola, *Conimbriga* e Braga²⁶

6. UM DOS FATORES EXÓGENOS DE IMPACTO NO SETOR DAS TROCAS ENTRE O SEGUNDO QUARTEL DO SÉCULO VI E MEADOS DO SÉCULO VIII

Por volta de meados do século VI, em época do imperador Justiniano I, verificou-se uma acentuada queda das importações na Península Ibérica, relativas às cerâmicas finas de mesa tardias com origem no Mediterrâneo oriental, a qual poderá estar relacionada com um fator exógeno ao sistema de trocas até então

²⁶ A partir de Delgado 1975 e 1992, Fernández 2012, Quaresma e Morais 2012 e Fernández 2014.

existente – o surto de peste bubónica que atingiu Constantinopla no ano de 542 e que se propaga à *Hispania* possivelmente entre 542-543 e «... during the next century and a half there were at least three further outbreaks.» (Kulikowski, 2007, p. 150)²⁷.

McCormick (2003, p. 9) também sistematiza de forma geográfica a presença de ratazanas negras (*Rattus rattus*), um dos principais agentes de propagação desta epidemia, na Europa central e ocidental em época tardo romana «...Italy, central and northern Gaul, Britain, the Rhine and Danube frontier, and Portugal» (mapa 2).

Kulikowski aponta, de igual modo, como outro fator de disseminação deste surto epidémico, o contacto entre as tripulações dos barcos que transportavam mercadorias do Mediterrâneo central e oriental com o consumidor hispânico e que teriam como centros difusores «... particularly the Guadiana and Guadalquivir valleys and the cities of Catalonia and the Levant» (*op. cit.*, p. 151), tendo como consequência lógica a propagação da peste, o que acarretaria uma alta taxa de mortalidade entre as populações locais, como sejam os casos indicados, de forma indireta, em relatos coevos²⁸.

Esta alta taxa de mortalidade resultou, certamente, numa diminuição no número de habitantes, quer no sul e sudeste da *Hispania*, quer no mundo mediterrânico²⁹, restringindo desta forma o consumo e o comércio de bens, em geral, nos quais certamente estariam compreendidas as cerâmicas tardias de produção oriental, durante o período cronológico que medeia entre o segundo quartel do século VI e os meados do século VIII.

A situação da escassez de mão-de-obra, motivada pela taxa de mortalidade acima referida, vai, por sua vez, determinar uma série de graves problemas no sector agrícola, indo obrigar a uma vasta série de legislação protecionista, já nos finais do século VII, que irá dar um poder quase ilimitado aos grandes senhores dos *fundi* (*id.*, p. 158).

Esta opinião é partilhada por Morley (2007, p. 102), que entende, também, terem sido os efeitos do contágio da epidemia bubónica, com origem marítima mediterrânica, um dos fatores que levaram a uma mudança drástica nos padrões do comércio tradicional, que passam a ter um cariz continental e a substituir o tradicional marítimo mediterrânico.

²⁷ Martínez Jiménez (2013, p. 81) defende igualmente esta hipótese.

²⁸ Veja-se o caso do historiador Procopius de Caesarea (c. 500-c. 565), do Bispo Gregório de Tours (c. 538-c. 594) e de Evágrio Escolástico (c. 535-?), *apud* Michael Maas (2010). De salientar ainda as homilias compiladas no Homiliário de Toledo, aconselhando os fiéis sobre os comportamentos a ter durante o ciclo da peste, das quais apenas se tem conhecimento de quatro e que são referentes: ao primeiro dia (Gregório, *Les homélieires*, p. 214-217), ao segundo dia (Gregório, *Les homélieires*, p. 217-219), para o terceiro dia (Gregório, *Les homélieires*, p. 219-221) e, por fim, uma homilia sobre a catástrofe (Gregório, *Les homélieires*, p. 222-223), *apud* Michael Kulikowski (2007, p. 160-170).

²⁹ O mapa 3 reflete de forma explícita as áreas contaminadas pela propagação da epidemia, indicando as possíveis datas de contágio, segundo os vários autores citados no texto.

Opinião idêntica já tinha sido dada, nos inícios do século XXI por Liebeschuetz (2002, p. 239-240), que afirma ter sido o «...reversal growth in the east...», devido ao aparecimento da peste bubónica, «... in the mid sixth century...», que «...marks a turning point in many spheres of life in the the Roman East...». ³⁰

Bonifay (2012, p. 256 e nota 50), ao analisar as relações comerciais do império romano do oriente com a *Britannia*, chega à mesma conclusão de ter havido um término nessas atividades, a partir de meados do século VI, citando mesmo Ewan Campbell & Bowles quando estes afirmam, em 2009, que «l'arrêt des importations méditerranéennes dans les îles britanniques est mis en relation avec les épidémies de peste des années 545, 549 et 554».

Outros investigadores em análise económica da Antiguidade Tardia, como seja o caso de Cécile Morrison e Jean Pierre Sodini (2002, p. 171-220), contribuíram, numa monografia sobre a economia de Bizâncio, para uma análise sobre o papel desempenhado pelo império Bizantino à escala global durante o século VII e até ao século XV.

Analisando vários temas da vida económica do Império do Oriente que abrangeram a demografia (*id.*, p. 193-195), o comércio e o sistema fiduciário, entre outros, permitiu-lhes chegar a um conjunto de conclusões, as quais foram apresentadas referenciando-as a dois períodos diacrónicos do século VI – a primeira metade, de grande prosperidade e a desagregação económica da segunda metade, salientando que o resultado de «...demographic setbacks resulting from the plague ³¹ weakened the imperial organization's ability ...» (*id.*, p. 220).

Por sua vez, Elisabeth Fentress (2009, p. 154,155), aquando do seu estudo sobre a demografia em época tardia, relativo a dois «case-studies» de arqueossítios localizados na ilha de Jerba, e referente também a padrões de consumo de cerâmicas finas de mesa com origem na atual Tunísia, afirma que em relação ao aglomerado habitacional de Meninx «...its demise, however, is equally abrupt, coinciding with the middle of the sixth century. Its status as a major port city would have made it especially vulnerable to the Justinianic plague, probably the first instance of the Bubonic plague, carried by black rats from port to port». Logo, sendo esta diminuição demográfica motivada pela epidemia, deverá, certamente, ter afetado os centros oleiros da Fócea e os situados na ilha de Chipre, provocando, na altura, uma diminuição da sua produção e correspondente procura, o que poderá ter tido um efeito certamente desequilibrante em termos «globais».

³⁰ *Contra*: J. Durliat, 1989, que tinha apresentado uma posição baseada em dois fatores principais: a inexistência de referências epigráficas funerárias, e em alterações no sistema fiduciário de Bizâncio, *apud* Sarris, Peter (2007, 125- 132) e Biraben, que apresenta justificações do campo da saúde pública e da instabilidade no campo da política internacional, ao tempo «the same does not hold true, however, when plague occurs in conjunction with other epidemics – Biraben here mentions the evidence of smallpox beginning at the end of the sixth century – and with wars», *apud* Morrison, Cécile e Sodini, Jean Pierre (2002, 195).

³¹ Sublinhado nosso.

7. CONCLUSÕES

As mudanças que se verificaram na sociedade e no poder administrativo imperial romano a partir do século III, tiveram o seu auge durante o período final da Antiguidade Tardia, altura em que se verificam alterações na estrutura social interna das cidades, provocando uma crise que se refletiu no abandono destas pelas suas elites, tendo como resultado o intensificar de fenómenos de ruralidade dando oportunidade às mesmas «to evade civic duties and claims by the state» (Erdkamp, 2012 p. 262-263).

Este fenómeno de fuga para o campo, sem alteração dos rendimentos das elites será, entre outros, um dos motivos que não nos levam a questionar a existência de uma procura de consumo destas cerâmicas importadas, que poderemos, de uma maneira simplícista, chamar de «luxo», permitindo, assim, tentar concluir da existência de atividades comerciais que continuariam a animar quer os centros urbanos, quer os sítios rurais, caso da *villa* romana do Alto do Cidreira, situada numa região próxima da orla marítima atlântica da Lusitânia, localização que logo seria propícia ao abastecimento desses bens materiais, e do Casal do Clérigo (S. Domingos de Rana), possível *mansio*, já mais afastado da costa, onde também verificámos a existência de um espólio elevado de pratos/taças em LRC³², apesar de conflitos de ordem política e militar como, por exemplo, o domínio do Mediterrâneo por parte do reino Vândalo-Asdingo, entre 439 e 534 d. C. (mapa 3). Achamos não poder considerar-se apenas como um período em que se verificou um entrave ao desenvolvimento do comércio mediterrânico mas sim que «... le siècle vandale ne peut être dans son ensemble ni comme une période de crise ni comme une période de grande prospérité» (Ben Moussa, 2007, p. 257).

O apresentar de períodos cronológicos mais finos para o estudo das cerâmicas que são alvo deste artigo prendeu-se, como já referimos, à inacessibilidade a outros dados referentes a contentores cerâmicos, como sejam as ânforas e as cerâmicas comuns. Por sua vez, os quatro numismas pertencentes ao espólio obtido em ACIDV, nas UEs 105 e 109 no ano de 2007, não nos deram também qualquer possibilidade de apontar cronologias que suportassem qualquer tipo de intervalos que se enquadrassem com a produção/comércio das cerâmicas finas da Fócea e de Chipre, na medida em que as suas diacronias correspondem a cunhagens datáveis genericamente de inícios a meados do século IV.

A confrontação das importações de *terra sigillata* africana com as de origem oriental serão o único indicador que nos deu, contudo, a possibilidade de poder apresentar também intervalos cronológicos mais fiáveis para o que se terá verificado no respeitante ao consumo de uma oferta, com efeito de substituição, por

³² LRC, Hayes 3 (22 NMI que correspondem a 24 fragmentos).

parte destas cerâmicas durante o período que se insere entre meados do século v e meados/terceiro quartel do século vi.

Quanto à elaboração de um mapa de distribuição desta cerâmica tardia, no atual território português, remeteremos para o trabalho de Carlos Fabião, referido *supra* (2009a, p. 34), no qual este investigador completa um mapa de «...distribuição de *sigillata focense* no ocidente da Península Ibérica» tendo como base os trabalhos de Melim de Sousa e de Naveiro López publicados em 2001 e 1991, respetivamente, o qual é revisitado por Fernández (*op. cit.*, 2014, p. 440, fig. 225), com o fim de apresentar uma versão mais atualizada da mesma. No entanto, não poderemos deixar de enumerar estudos recentes de espólios que apresentam cerâmicas finas focenses, tais como: *Villa* romana do Rabaçal, concelho de Penela (Quaresma, 2011)³³; Marinha Baixa, Aveiro (Quaresma *et. al.*, 2015); Castelo de Crestuma, concelho de Vila Nova de Gaia (Silva *et. al.*, 2015); fórum de *Aeminium*, Coimbra (Costeira *et. al.*, 2015); e Palácio do Conde de Barão do Alvito, freguesia de Misericórdia, Lisboa (inédito).

O estudo do espólio da Casa Sommer³⁴, localizada na zona ribeirinha da cidade de Lisboa, referente a estas cerâmicas e que se encontra em preparação, certamente consolidará a função de pivô que a cidade desempenhava no circuito comercial marítimo – entre as regiões mediterrânicas orientais e todo o norte atlântico até às ilhas britânicas – das cerâmicas que temos vindo a tratar com cronologias que se estendem desde meados do século v até meados/terceiro quartel do século vi.

Por fim, não podemos deixar de chamar uma especial atenção para o espólio obtido na *villa* romana do Casal do Clérigo, no concelho de Cascais, *supra* (Sepúlveda, no prelo), que poderá, através de um estudo mais completo, esclarecer qual a localização de um possível centro difusor terrestre que, por sua vez, deverá ter sido abastecido por uma rota de cabotagem desde Lisboa-Paço de Arcos ou quiçá de Paço de Arcos-Cascais.

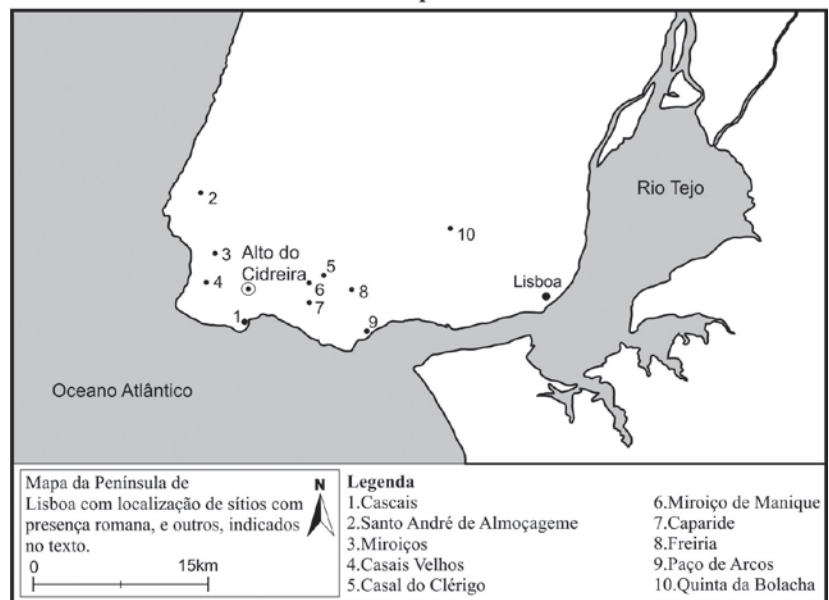
In memoriam

Jeannette U. Smit Nolen.

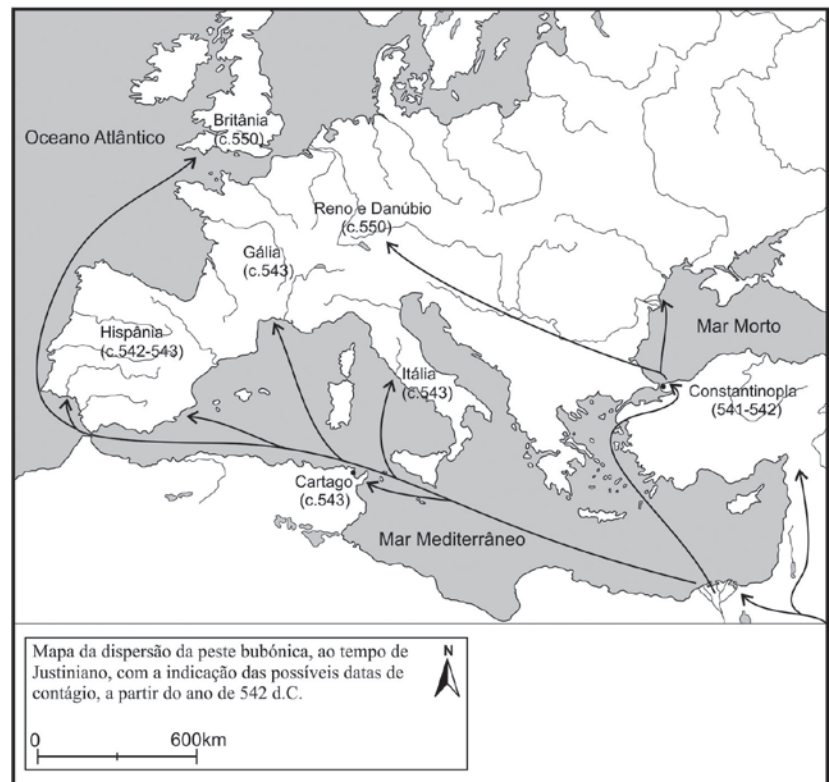
1930-2016

³³ Na *villa* romana foram encontrados dois bordos classificados por J. C. Quaresma como imitações em cerâmica comum de protótipos de *sigillata focense* (H3C) e de *sigillata cipriota*, tardias (H3.2).

³⁴ Este espólio foi obtido durante as campanhas de intervenção arqueológica levadas a cabo pelos arqueólogos da Neoépica durante os últimos anos, no local onde se erguia o antigo Palácio de Cucolim.



Mapa 1 – Mapa da Península de Lisboa com localização de sítios com presença romana, e outros, indicados no texto.



Mapa 2 – Mapa da dispersão da peste bubónica, ao tempo de Justiniano, com a indicação das possíveis datas de contágio, a partir do ano de 542 d. C.



Mapa 3 – Mapa dos Reinos Germânicos e Império Romano do Oriente (c. 525 d. C.).

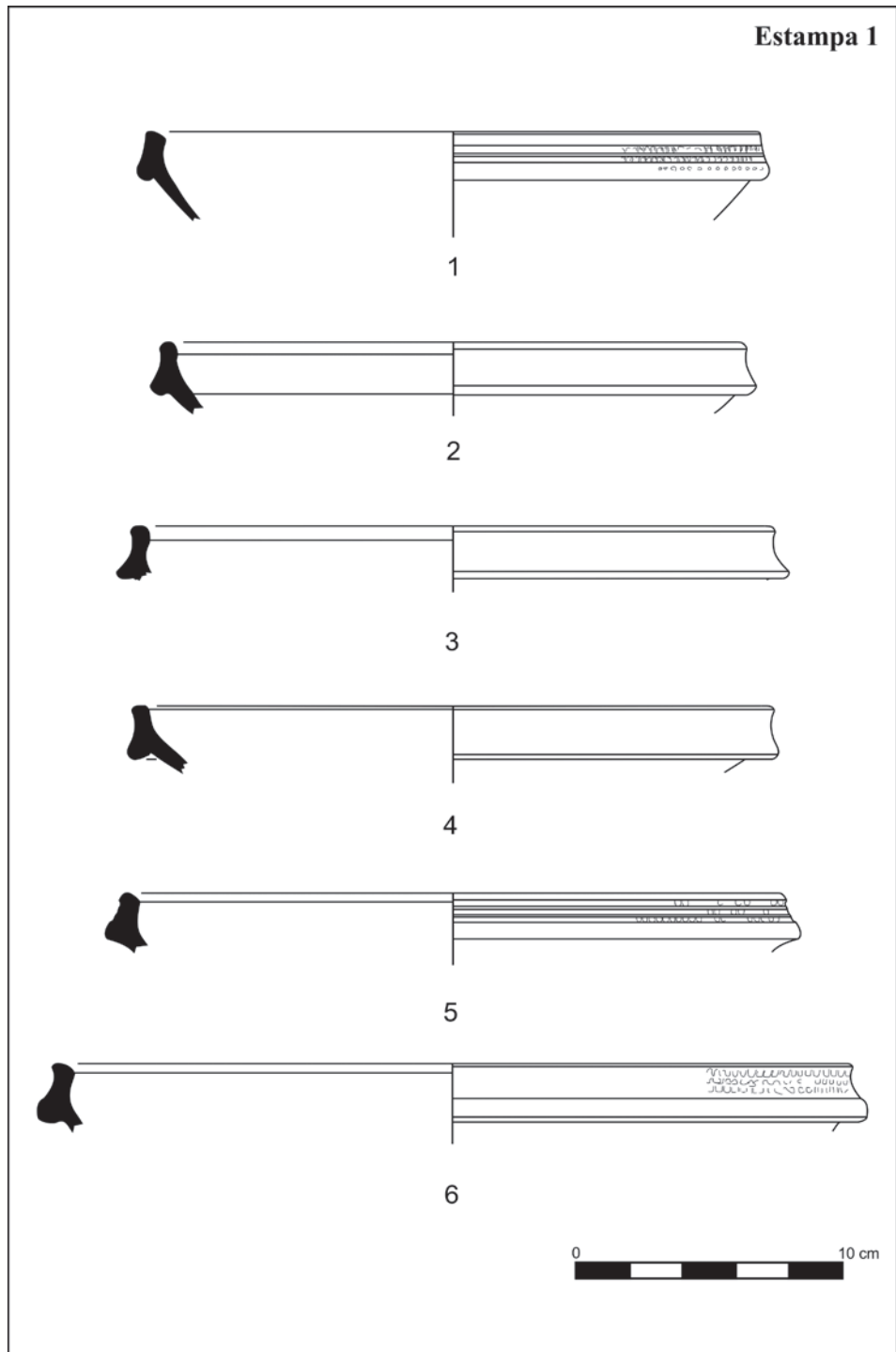


Fig. 1 – LRC: Hayes 3B (n.º 1); Hayes 3C (n.º 2-4); Hayes 3D (n.º 5 e 6).

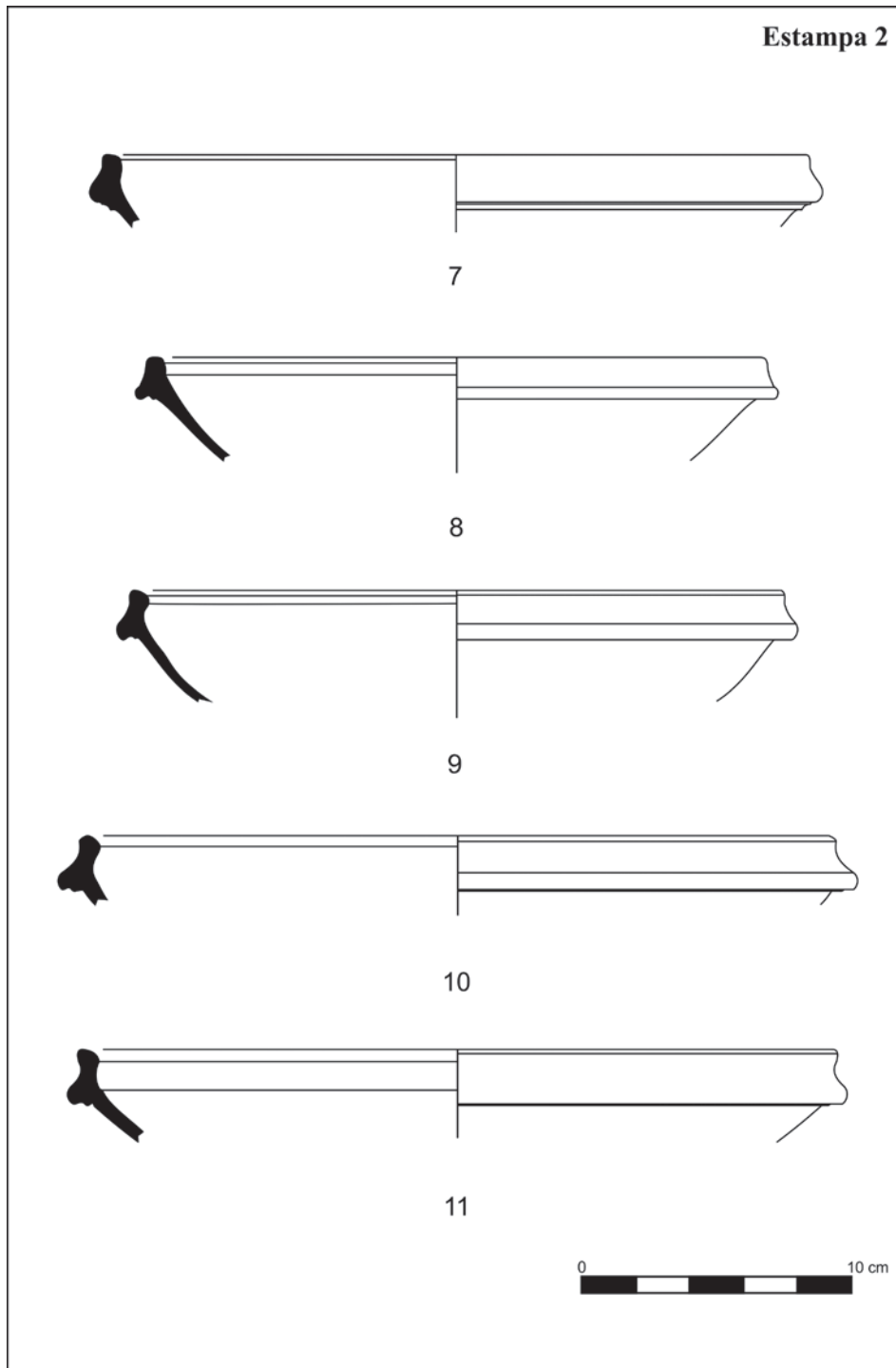


Fig. 2 – LRC: Hayes 3E (n.º 7-11).

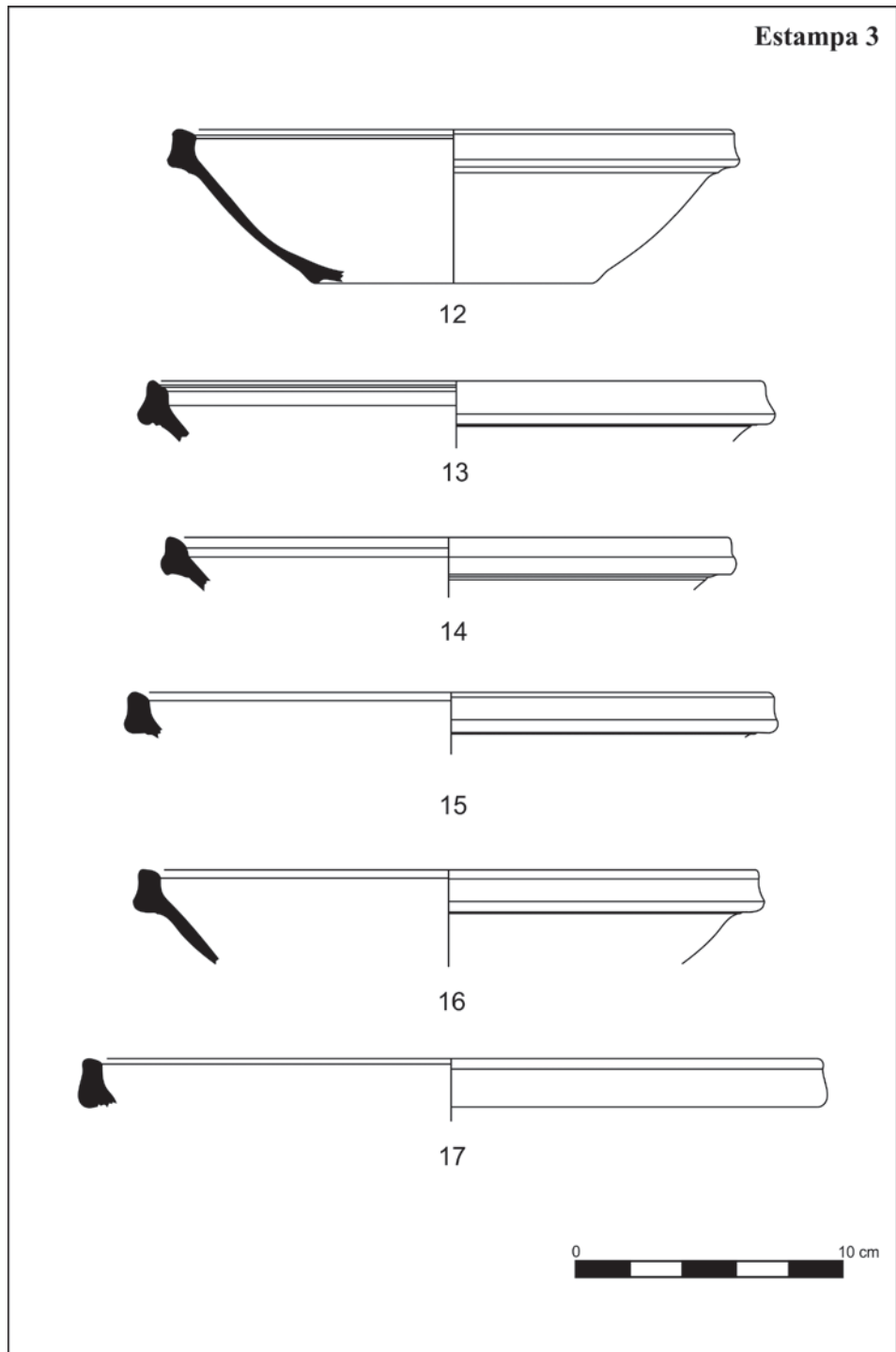


Fig. 3 – LRC: Hayes 3F (n.º 12-17).

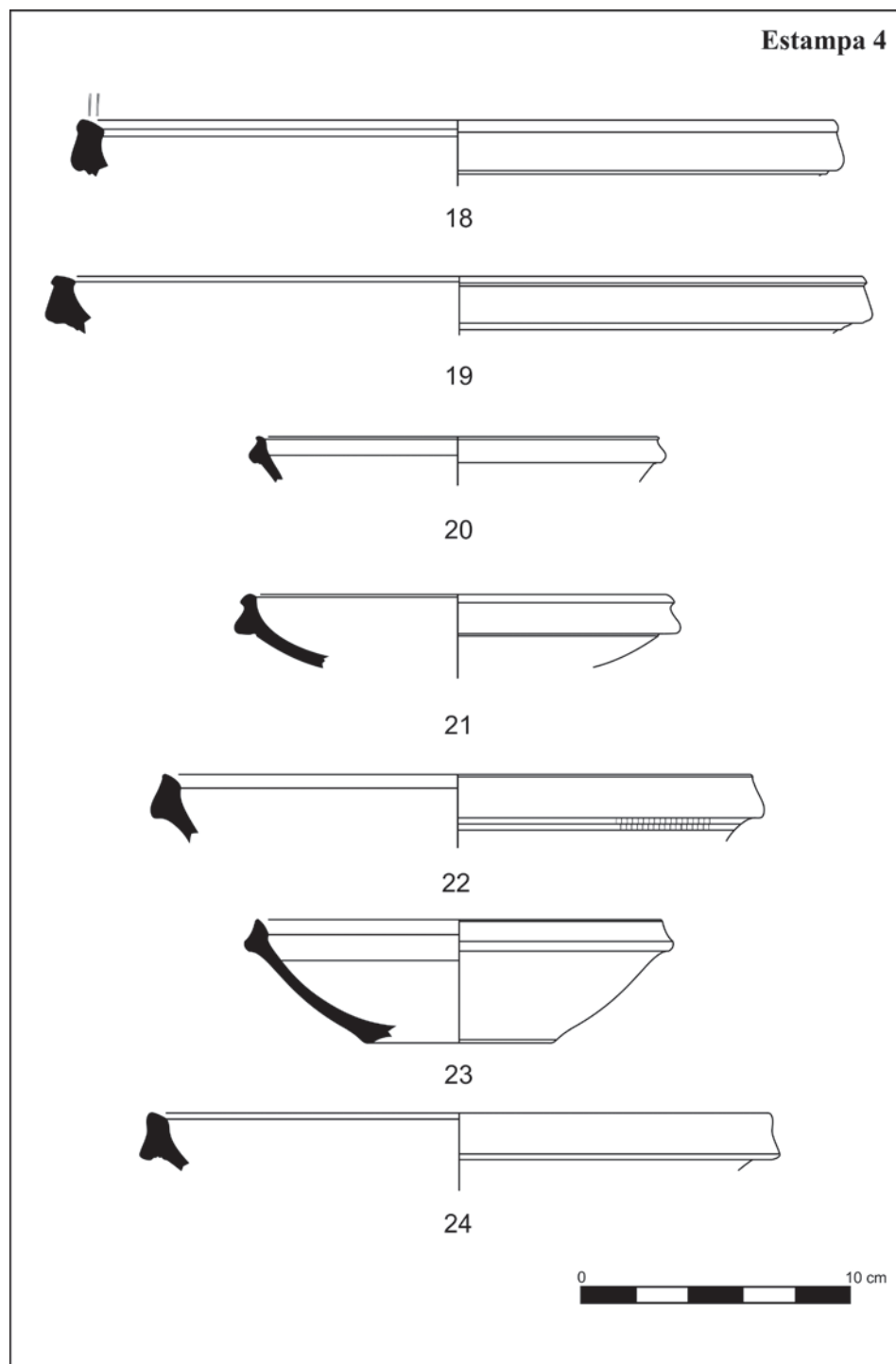


Fig. 4 – LRC: Hayes 3F (n.º 18-24).

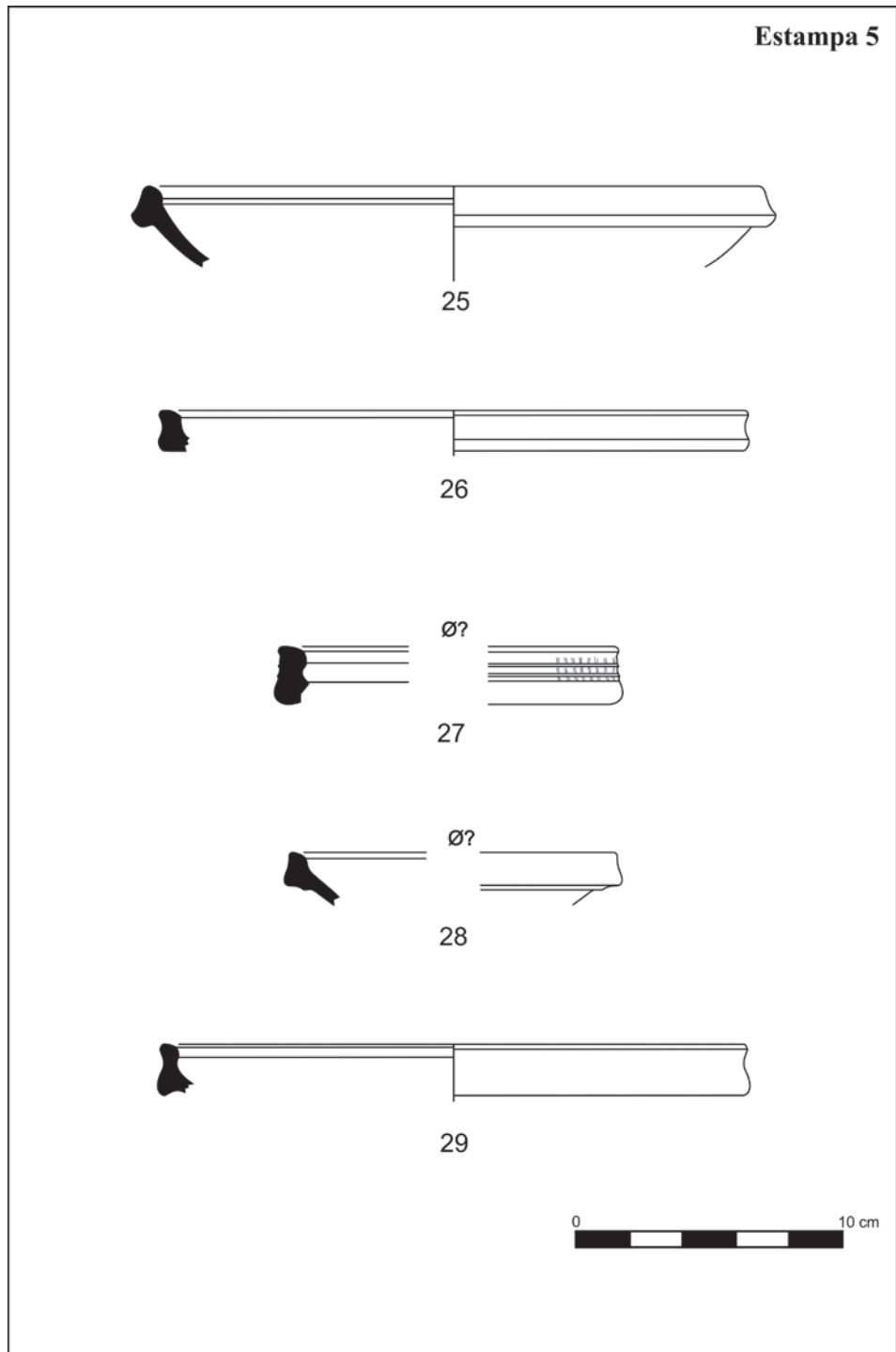


Fig. 5 – LRC: Hayes 3F (n.º 25-28); Hayes 3G (n.º 29).

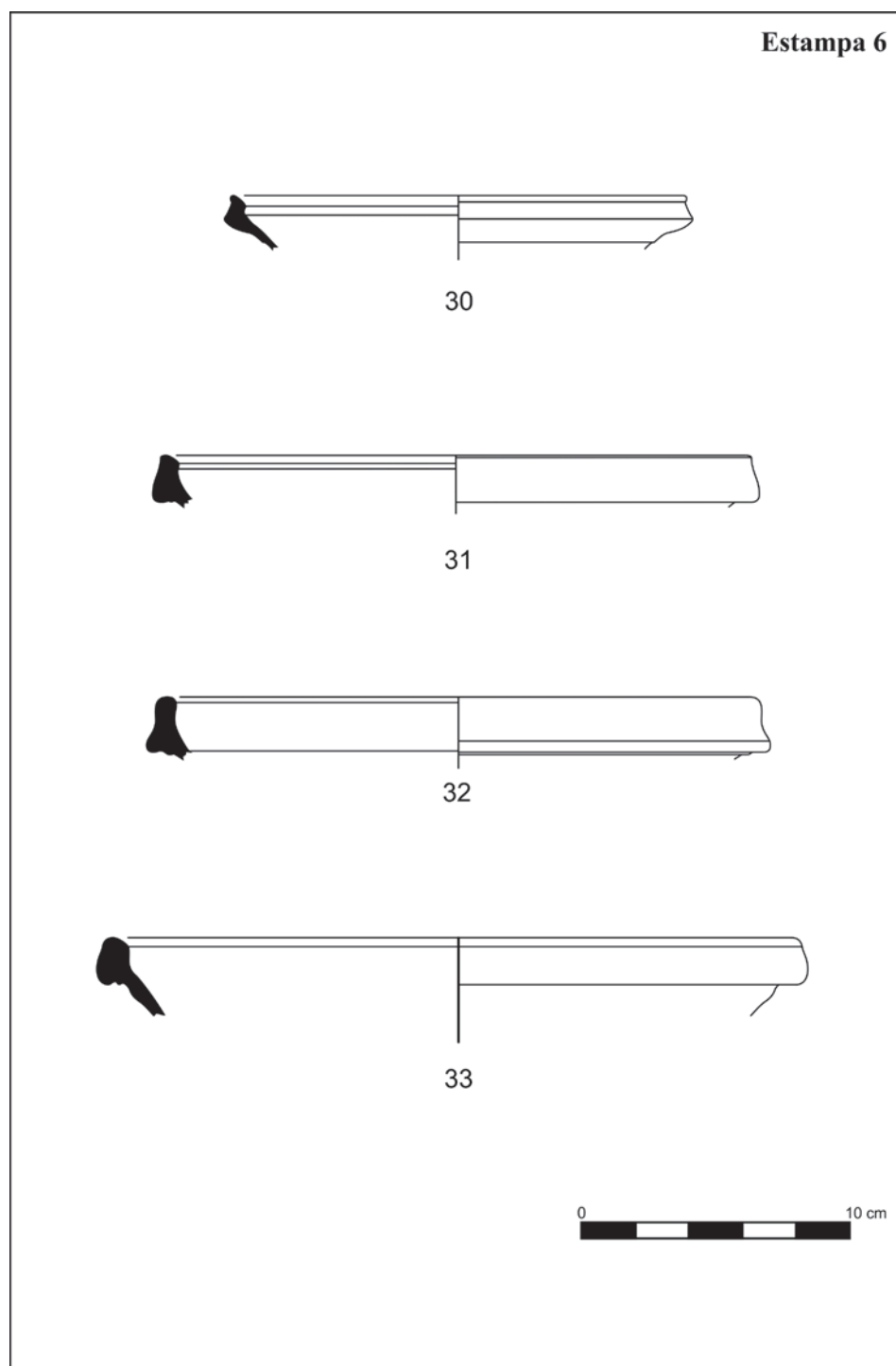


Fig. 6 – LRC: Hayes 3F/G (n.º 30 e 31); LRC: Hayes 3H (n.º 32); LRC: Hayes 3/10 (n.º 33).

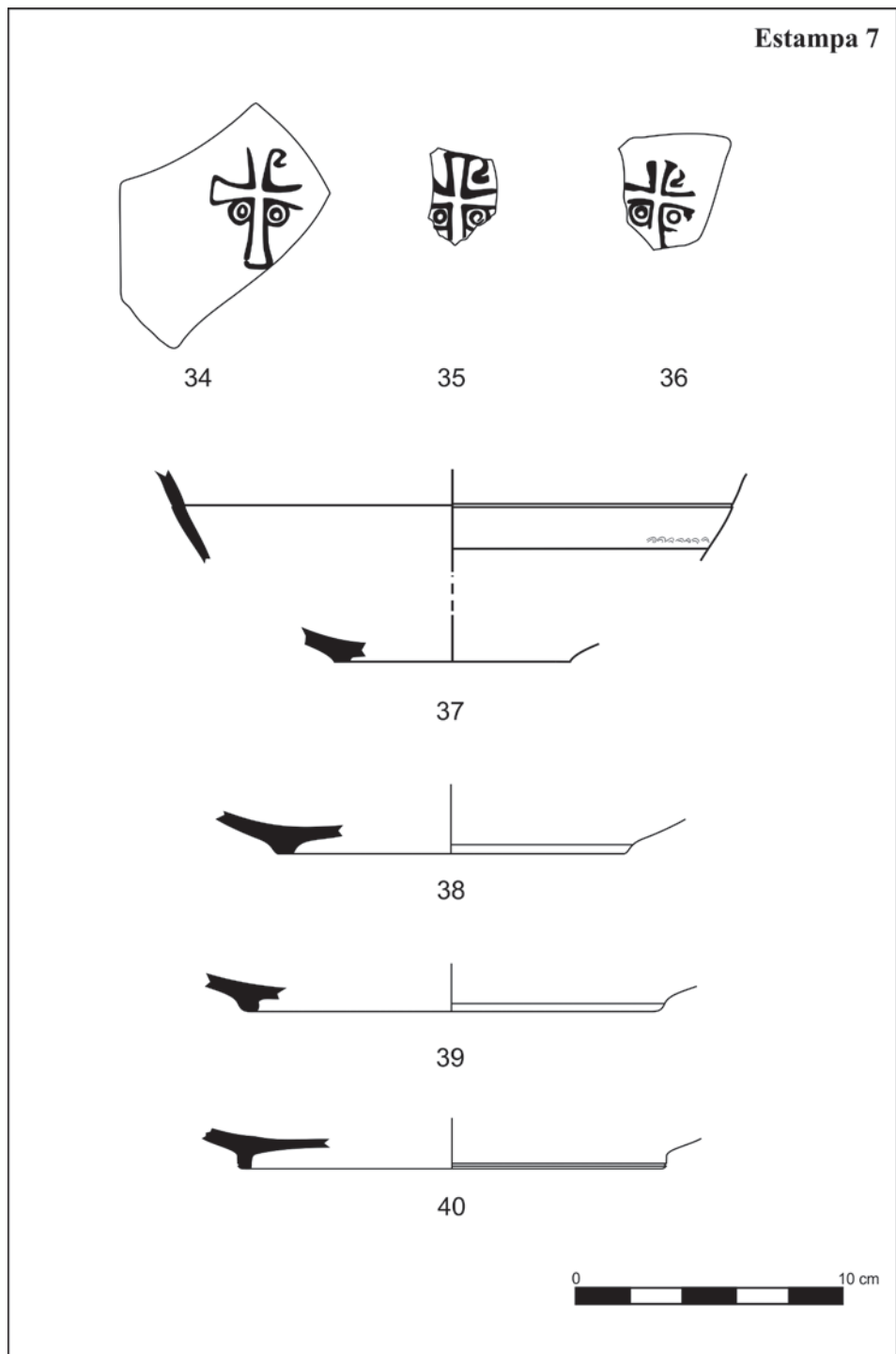


Fig. 7 – LRC: Fundos de forma indeterminada (n.º 34-40).

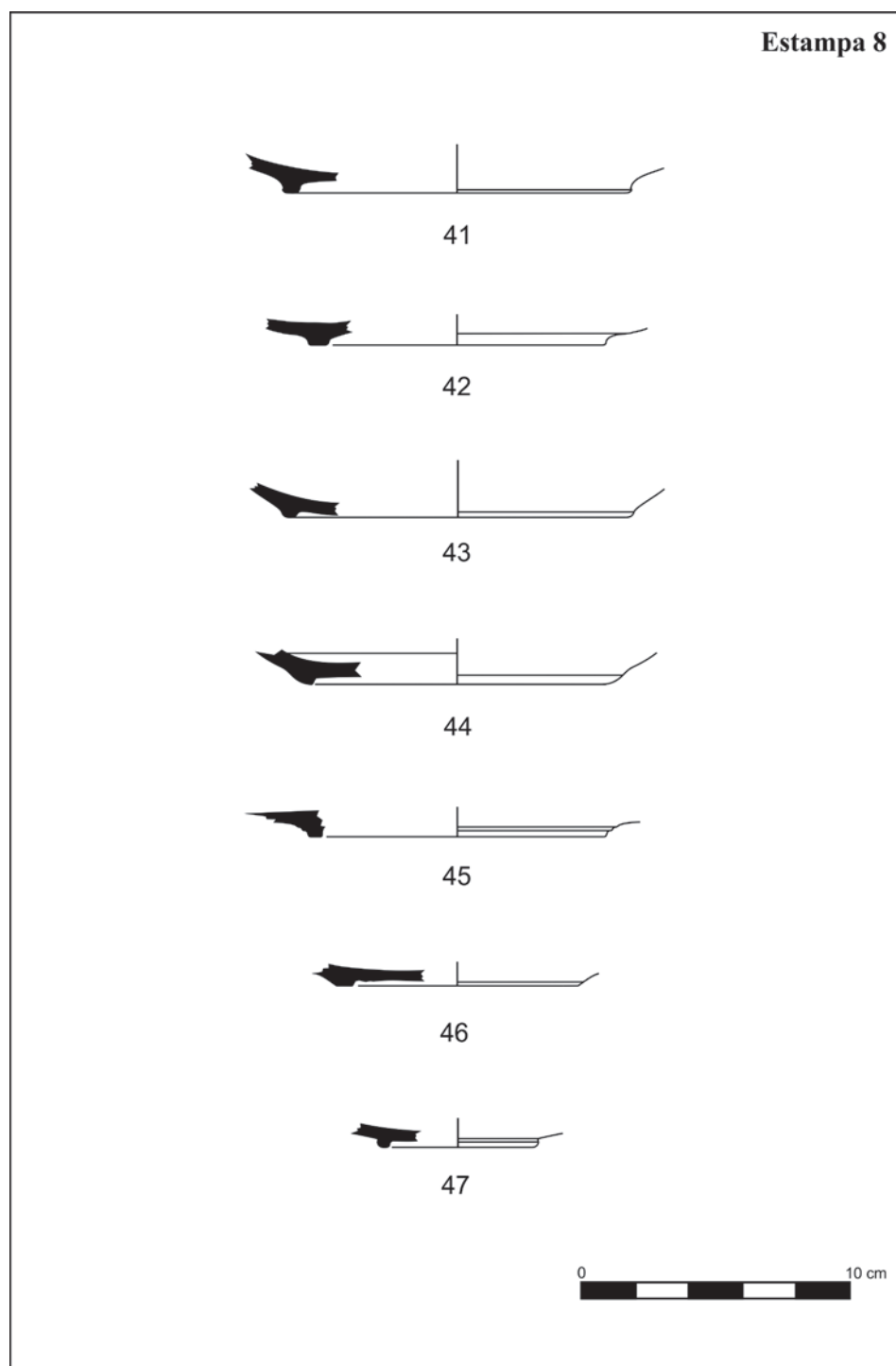


Fig. 8 – LRC: Fundos de forma indeterminada (n.º 41-47).

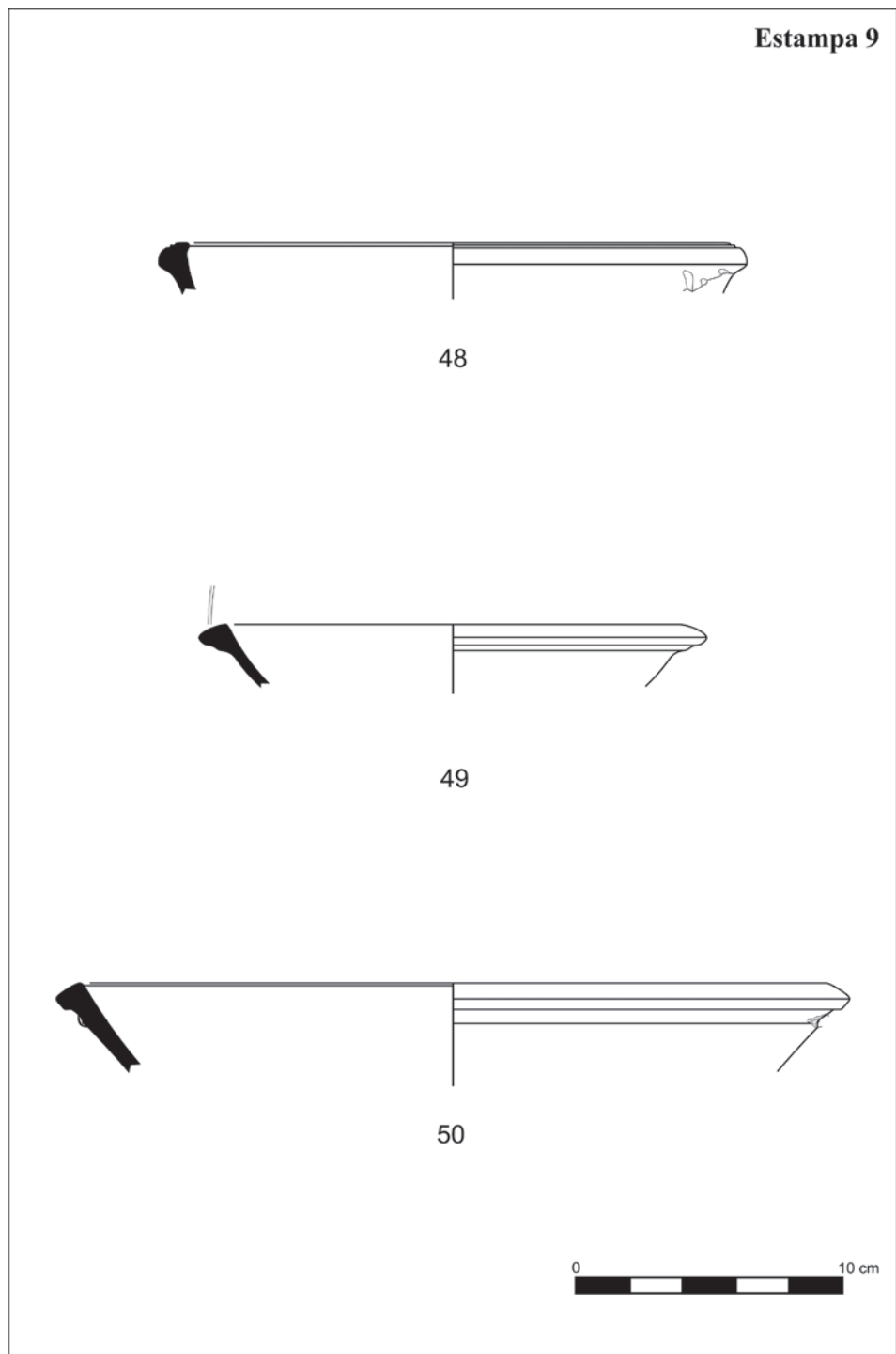


Fig. 9 – LRD: Hayes 2 (n.º 48); Hayes 5; Hayes 11 (n.º 50).

BIBLIOGRAFIA

- ATLANTE DELLE FORME CERAMICHE I: ceramica fina romana del bacino mediterraneo (Medio e tardo Impero). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1981.
- BEN MOUSSA, M. (2007) – *La production de sigillées africaines. Recherches d'Histoire et d'Archéologie en Tunisie septentrionale et central*. Barcelona: Universitat de Barcelona (Col·lecció Instrumenta; 23).
- BES, P. (2015) – *Once upon time in the East The chronological and geographical distribution of Terra Sigillata and Red Slip Ware in the Roman East*. Oxford: Archaeopress (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 6). BOMBICO, S. [et. al.] (2014) – A caminho de Roma? – A Sardenha e a Córsega nos fluxos de circulação das ânforas lusitanas no mediterrâneo ocidental. In MORAIS, R.; FERNÁNDEZ, A.; SUSA, M., ed. – *As produções cerâmicas de imitação na Hispania. Monografias Ex Officina Hispania II*. Braga. Tomo I, p. 361-377.
- BOMBICO, S. (2015) – Salted fish industry in Roman Lusitania: Trade memories between *Oceanus* and *Mare Nostrum*. In BARATA, F.; ROCHA, J. R., ed. – *Heritage and Memories from the Sea: Proceedings*. Évora, p. 19-39.
- BONIFAY, M. (2004) – *Étude sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford: B. A. R. (BAR International Series; 1301). BONIFAY, M. [et. al.] (2007) – Échanges et consommation. *Gallia*. Paris. 64, p. 94-103.
- BONIFAY, M. (2012) – Les céramiques sigillées Africaines et Phocéennes tardives. In MAURIN, L. ed. – *Un quartier de Bordeaux du I^{er} au VIII^e siècle. Les Fouilles de la Place Camille-Jullian 1989-1900. Documents Archéologiques du Grand Sud-ouest*. Bordeaux. vol. 3, p. 251-258.
- BOURGEOIS, A.; MAYET, F. (1991) – *Les Sigillées de Belo VI*. Paris: Casa de Velázquez (Publicacions de la Casa de Velázquez; XVI, p. 373-382).
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. (2013) – *La terra sigillata Hispánica en Augusta Emerita. Estudio tipocronológico a partir de los vertederos del subúrbio norte*. Mérida (Anejos de AEspA; LXV).
- CARDOSO, G. (1991) – *Carta arqueológica do Concelho de Cascais*, Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- CARDOSO, G. (2002) – *Aspectos da Romanização no Ager Olisiponensis*. Trabajo de Tercero Ciclo. Universidad de Extremadura. Departamento de História, Área de Arqueologia. Cáceres (policopiada).
- CARDOSO, G. (2004) – Acerca das comunicações no sudoeste do Ager Olisiponensis. In GORGES, J-G.; CERRILLO, E; NOGALES BASARRATE, T., eds. – *V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania Romana: las Comunicaciones*. Mérida, p.135-147.
- CUNLIFEE, B. (2004) – *Facing the ocean – The Atlantic and its people*. Oxford: University Press. Glasgow, p. 477-481.
- DELGADO, M. (1975) – Sigillée Late Roman C. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE R., ed. – *Fouilles de Conimbriga*. Paris. vol. IV, p. 285-291.
- DELGADO, M. (1992) – Cerâmicas romanas tardias de Mértola originárias do Médio Oriente. *Arqueologia Medieval*. Mértola. 1, p. 125-133.
- ENCARNAÇÃO, J. d'; CARDOSO, G.; NOLEN, J. (1982) – A villa romana do Alto do Gidreira em Cascais. *Arquivo de Cascais*. Cascais. 4. Separata: Associação Cultural de Cascais.
- ERDKAMP, P. (2012) – Urbanism. In SCHEIDEL, W., ed. – *The Cambridge Companion to the Roman Economy*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 241-265.
- FABIÃO, C. (2009a) – O ocidente da Península Ibérica no século VI: Sobre o *pentanummius* de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 4. Disponível em WWW: URL: www.nia-era.org, p. 25-50.
- FABIÃO, C. (2009b) – A dimensão atlântica da Lusitânia. Periferia ou charneira no Império Romano. In GORGES, J-G.; d'ENCARNAÇÃO, J.; NOGALES BASARRATE, T.; CARVALHO, A. ed. – *Lusitânia Romana Entre o mito e a realidade*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. p. 53-74.
- FABIÃO, C. (2014) – Uma história resgatada ao mar. Vestígios das rotas marítimas romanas nas costas portuguesas. In SILVEIRA, A., Com. cient. – *O tempo resgatado ao mar*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 99-104.

- FENTRESS, E. (2009) – Peopling the countryside: Roman Demography in the Albenga Valley and Jerba. In BOWMAN, A.; WILSON, A., ed. – *Quantifying the Roman Economy. Methods and Problems*. Oxford: Oxford University Press. p. 127-161.
- FERNÁNDEZ, A. (2014) – *El comercio tardoantigo (ss. IV-VII) en el Noroeste Peninsular a través del registro cerámico de la ría de Vigo*. Oxford: Archaeopress. (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 5).
- FULFORD, M.; PEACOCK, D. (1984) – *Excavations at Carthage: the British Mission*. Sheffield: The British Academy. vol 1.2: The Avenue du Président Habib Bourguiba, Salammbo. The pottery and other ceramic. Objects from the Site.
- GREENE, K. (2005) – Roman pottery: models, proxies and economic interpretation. *Journal of Roman Archaeology*. USA. 18, p. 34-55.
- GRILO, C.; FABIÃO, C.; BUGALHÃO, J. (2013) – Um contexto tardo-Antigo do núcleo arqueológico da rua dos Correiros (NARC), Lisboa. In *150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 849-857.
- HAYES, J. (1972) – *Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.
- HAYES, J. (1980) – *Supplement to Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.
- HAYES, J. (1998) – The study of Roman pottery in the Mediterranean: 23 years after Late Roman Pottery, in SAGUI, L., ed. – *Ceramica in Italia VI-VII secolo. Atti dell Convegno in onore di John W. Hayes*. Roma, 1995. Firenze: Edizione All'Insegna del Giglio, p. 9-22.
- HAYES, J. (2000) – From Rome to Beirut and beyond: Asia Minor and eastern Mediterranean trade connections. In *Rei Cretariae Romanæ Favtorum Acta*. Abingdon, 36, p. 285-296.
- HAYES, J. (2008) – *The Athenian Agora. Results of excavations conducted by the American School of Classical Studies in Athens. Roman Pottery Fine Ware Imports*. Princeton. New Jersey, vol. xxxii.
- JORGE, A. M. (2002) – *L'épiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité tardive (III^e – VII^e siècles)*. Lisboa: IPA (Trabalhos de Arqueologia; 21).
- KELLY, A. (2010) – *The discovery of Phocian Red Slip ware (PRSW) Form 3 and Bii ware (LR 1 amphorae) on sites in Ireland – an analysis within a broader framework*. Dublin: Royal Irish Academy, p. 35-88 (Proceedings of the Royal Irish Academy; 110C). KULIKOWSKI, M. (2007) – Plague in Spanish Late Antiquity. In LITTLE, L., ed. – *Plague and the end of Antiquity. The Pandemic of 541-750*. Cambridge: University Press, p. 150-170.
- LEWIT, T. (2011) – Dynamics of fine ware production and trade: the puzzle of supra-regional exporters. *Journal of Roman Archaeology*. USA. 24, p. 313-332.
- LIEBESCHUEITZ, W. (2002) – Unsustainable development: The origin of ruined landscapes in the Roman Empire. In BLOIS, L. de and RICH, J., ed. – *Impact of Empire (Roman Empire c. 200 B. C.- A. D. 476)*. Nottingham, 2001. Leiden: Brill, p. 232-243.
- MAAS, M. (2010) – *Readings in Late Antiquity. A sourcebook*. Abingdon, p. 307-309.
- MACKENSEN, M. (1993) – *Die spätantiken Sigillata – und Lampentöpfereien von El Mahrine (Nordtunesien): Studien zur nordafrikanischen Feinkeramik des 4. Bis 7. Jahrhunderts*. München. (Münchner Beiträge zur Vor- und Frühgeschichte; 50).
- MAIA, M. (1978) – Contributos para as cartas de distribuição em Portugal da «Sigillata Luzente» e da «Late Roman C Ware». In *Actas das III Jornadas Arqueológicas, 1978*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 293-307.
- MALFITANA, D.; BONIFAY, M. (2016) – *La ceramica africana nella Sicilia romana*. Catania. Tomo II.
- MANTAS, V. (2012) – *As vias Romanas da Lusitânia*. Mérida (Studia Lusitania; 7).
- MARTÍNEZ JIMÉNEZ, J. (2013) – Crisis or Crises? The end of the Roman Towns in Iberia, between the Late Roman and the Early Umayyad Periods. In VAN der WILT, E., MARTÍNEZ JIMÉNEZ, J., ed. – *Tough times: The archaeology of crisis and recovery: Proceedings of the graduate archaeology at Oxford conferences in 2010 and 2011*. Oxford: Archaeopress, p. 77-88 (BAR International Series; 2478).
- MARTINS, M.; DELGADO, M. (1989-90) – História e Arqueologia de uma cidade em devir: *Bracara Augusta. Cadernos de Arqueologia*. Braga. S. II, 6-7, p. 11-38.

- McCORMICK, M. (2003) – Rats, Communications, and Plague: Toward an Ecological History. *Journal of Interdisciplinary History*. Massachusetts. XXXIV: 1, p. 1-25.
- MEYZA, H. (2007) – *Nea Paphos V. Cypriot Red Slip Ware. Studies on a Late Roman Levantine Fine Ware*. Varsóvia: Polskiej Akademii Nauk.
- MORLEY, N. (2007) – *Trade in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press (Key themes in Ancient History).
- MORRISSON, C.; SODINI J-P. (2002) – The Sixth-Century Economy. In LAIOU, A., ed. – *The Economic History of Byzantium: From the Seventh through the Fifteenth Century*. Washington, DC: Dumbarton Oaks. p. 171-220.
- MUNSELL – Munsell Soil Color Chart.
- NETO, N. [et al.] (2011) – Intervenção Arqueológica no Alto do Cidreira, Cascais: um exemplo de interação Arqueologia/Autarquia/Promotores. In ALMEIDA, M.; CARVALHO, A., ed. – *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias*, Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 111-119.
- NOLEN, J. (1988) – A villa romana do Alto do Cidreira (Cascais) – Os materiais. *Conimbriga*. Coimbra. vol. 27, p. 61-140.
- POBLOME, J. [et al.] (2001) – A New Early Byzantine Production Centre in Western Asia Minor. A Petrographical and Geochemical Study of Red Slip Ware from Hierapolis, Perge and Sagalassos. In *Rei Cretariae Romanae Favorvm Acta*. Abingdon, 37, p. 119-126.
- POBLOME, J. [et al.] (2010) – *Sic Transit Gloria Mundi*. Does it really? Wasting Seventh Century AD Sagalassos (SW Turkey). In MENCHELLI, S.; SANTORO, S.; PASQUINUCCI, M.; CUIDUCCI, G., ed. – *LRCW3, Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean*. Oxford: Archaeopress. p. 791-801 (BAR International Series; 2185).
- POBLOME, J.; FIRAT, N. (2011) – Late Roman D. A matter of open(ing) or closed horizons? In ÁNGEL CAU, M.; REYNOLDS, P.; BONIFAY, M. ed. – *LRFW 1 Late Roman Fine Wares. Solving Problems of Typology and Chronology. A Review of the Evidence, Debate and New Contexts*. Oxford: Archaeopress, p. 49-55.
- QUARESMA, J. (2011) – Les importations de sigillée et de céramique culinaire africaine dans la villa do Rabaçal (Lusitanie): IV^e siècle – début du VI^e siècle. In DJAOUI, D. ed. – *Actes du Congrès d'Arles SFEACAG*. Arles, p. 381-388.
- QUARESMA, J. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano*. Lisboa: UNIARQ (Estudos & Memórias; 4).
- QUARESMA, J.; MORAIS, R. (2012) – Eastern Late Roman Fine Ware Imports in *Bracara Augusta* (Braga, Portugal). In BIEGERT, S., ed. – *Congressus Vicesimus Septimus Rei Cretariae Romanae Favorvm Singidvni Habitus MMX*. RCRF. Bonn, 42, p. 373-383.
- QUARESMA, J. [et al.] (2015) – Produção de vidros e importação de terra sigillata em finais do século v/primeira metade do século vi: O caso da Marinha Baixa/Aveiro. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 10, p. 63-76.
- REYNOLDS, P. (1987) – *El yacimiento tardorromano de Lucentum (Banalua- Alicante): Las cerámicas finas. Catalogo de fondos del Museo Arqueológico (II)*. Alicante.
- REYNOLDS, P. (1995) – *Trade in the Western Mediterranean, AD 400-70: The Ceramic Evidence*. Oxford: Archaeopress (BAR International Series; 604).
- REYNOLDS, P. (2004) – The Roman pottery from the Triconch Palace. In HODGES, R.; BOWDEN, W.; LAKO, K., ed. – *Byzantine Butrint. Excavations and Surveys 1994-99*, Oxford: Oxbow Books; Oakville (USA). p. 224-269.
- REYNOLDS, P. (2005) – Hispania in the late Roman Mediterranean. In BOWES, K.; KULIKOWSKI, M., ed. – *Hispania in Late Antiquity. Current Perspectives*. Leiden; Boston: Brill, p. 369-486.
- REYNOLDS, P. (2010a) – *Hispania and the Roman Mediterranean, AD 100-700. Ceramics and Trade*. London: Gerald Duckworth.
- REYNOLDS, P. (2010b) – Trade Networks of the East, 3rd to 7th Centuries: The View from Beirut (Lebanon) and Butrint (Albania) (Fine Wares, Amphorae and Kitchen Wares). In MENCHELLI, S.; SANTORO, S.; PASQUINUCCI, M.; CUIDUCCI, G. ed. – *LRCW3, Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean*. Oxford: Archaeopress, p. 89-11 (BAR International Series; 2185 i, ii).

- REYNOLDS, P. (2011a) – A note on the development of Cypriot late Roman D Forms 2 and 9. In ÁNGEL CAU, M.; REYNOLDS, P.; BONIFAY, M., ed. – *LRFW 1 Late Roman Fine Wares. Solving Problems of Typology and Chronology. A Review of the Evidence, Debate and New Contexts*. Oxford: Archaeopress, p. 57-65.
- REYNOLDS, P. (2011b) – Fine Wares from Beirut Contexts, c. 450 to the Early 7th Century. In ÁNGEL CAU, M.; REYNOLDS, P.; BONIFAY, M., ed. – *LRFW 1 Late Roman Fine Wares. Solving Problems of Typology and Chronology. A Review of the Evidence, Debate and New Contexts*. Oxford: Archaeopress. p. 207-230.
- RIGOUR, J. (1968) – Les sigillées paléochrétiennes grises et orangées. *Gallia*. Paris, vol. 26: 1, p. 177-244.
- ROSSELLÓ MESQUIDA, M.; RIBERA I LACOMBA, A.; RUIZ VAL, E. (2010) – Cerâmicas de los niveles de ocupación del circo romano de Valencia en la época tardoantigua (siglos VI y VII). In MENCHELLI, S.; SANTORO, S.; PASQUINUCCI, M.; CUIDUCCI, G., ed. – *LRCW3, Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean*. Oxford: Archaeopress, p. 173-182. (BAR International Series; 2185 i, ii).
- SARRIS, P. (2007) – Bubonic Plague in Byzantium. The Evidence of Non-literary Sources. In LITTLE, L., ed. – *Plague and the end of Antiquity. The Pandemic of 541-750*. Cambridge: University Press, p. 119-132.
- SEAR, D. (2005) – *Roman Coins and Their Values*. London: SPINK, vol. III.
- SEPÚLVEDA, E. (no prelo) – Cerâmica Focense Tardia (LRCW) no Concelho de Cascais.
- SILVA, A. [et al.] (2015) – O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia): Um contexto estratigráfico tardo-antigo no extremo noroeste da Lusitania. In QUARESMA, J.; MARQUES, J., ed. – *Contextos Estratigráficos na Lusitania (do alto império à Antiguidade Tardia)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 149-167 (Monografias AAP; 1).
- SILVA, R. C. da [et. al.] (2015) – Contextos e cerâmicas tardo-antigas do fórum de Aeminium (Coimbra). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 18, p. 237-256.
- SOUSA, É. (2001) – Contributos para o estudo da cerâmica focense tardia («Late Roman C Ware») no *municipium* olisiponense. *Conimbriga*. Coimbra, XL, p. 201-226.
- TRÉGLIA, J-C. (2007) – Les sigillées Méditerranéennes. In BONIFAY, M.; RAYNAUD, C. – Échanges et Consommation. *Gallia*. Paris, 64, p. 103-107.